

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

BEATRIZ BAPTISTA TESCHE

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE JUVENTUDE PARA JOVENS
NEGROS EM BAIRROS POPULARES DE VITÓRIA-ES**

**Vitória
2010**

BEATRIZ BAPTISTA TESCHE

Representação Social de juventude para jovens negros em bairros populares de Vitória - ES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, sob orientação da Prof^a Dr^a. Maria Cristina Smith Menandro.

**Vitória
2010**

Representação Social de juventude para jovens negros em bairros populares de Vitória - ES

Beatriz Baptista Tesche

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para qualificação no mestrado.

Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Smith Menandro – orientadora, UFES

Prof^ª. Dr^ª. Dalila Xavier de França – UFS

Prof^ª. Dr^ª. Zeidi Araújo Trindade – UFES

AGRADECIMENTOS

A conclusão desse trabalho encerra uma etapa significativa de minha formação, como profissional e também como pessoa, o que devo em grande parte, àqueles que me incentivaram e acreditaram às vezes mais do que eu, em minhas capacidades.

Agradeço a Deus por permitir que esse desejo se concretize.

A meu pai Nelson Tesche que apoiou, incentivou minha escolha, curioso que é sempre desejava saber além de simples explicações. Ao meu irmão Nelson Baptista Tesche e a Cyntia Perteli que acreditaram, aceitaram a distância e as desculpas por não estar presente devido a pesquisa. Agradeço a minha mãe pelo período que esteve ao meu lado, por me amar acima de tudo.

Agradeço ao meu namorado Marcos Timm Rossow por admirar meu trabalho, buscar compreendê-lo, incentivar e participar. Esses últimos meses se tornaram mais fáceis com o seu apoio.

A minha orientadora, professor Maria Cristina Smith Menandro, pela receptividade, paciência liberdade e suporte essencial para o desenvolvimento e conclusão desse estudo. Pelos momentos de bate-papo, que elucidaram tantas questões desta dissertação.

A amiga Renata Danielle Moreira Silva, por estar sempre presente nestes oito anos que pesquisamos juntas. Por me apoiar, acreditar, estar sempre disponível a auxiliar. Sem você esse sonho não teria iniciado.

Aos grandes amigos da Rede de Estudo e Pesquisa em Psicologia Social – UFES, em especial a Mirian Béccheri Cortez pelo auxílio na utilização do *Software* ALCESTE.

Aos amigos que estudaram comigo no mestrado, em especial a Ana Sayuri, Paula Coimbra, Caroline, Francisco, Cinthia, Bianca, Camila, Livia, Maria Fernanda e Vitor, pela descontração, pelos momentos de festa e confraternização que tornaram mais divertido este período.

Ao antropólogo Osvaldo Martins de Souza pela acolhida no Instituto Elimur, pelas orientações para o campo e pela disponibilização de fontes para a pesquisa.

Ao antropólogo e amigo Vitor Hugo Simon Machado pelas horas de debate, pela disponibilização de material, pelas orientações. Por acompanhar todo esse processo.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Ufes, em especial ao professor Lídio de Souza e a professora Zeidi Araujo Trindade que participaram da banca de qualificação desta pesquisa e muito contribuíram para seu desenvolvimento.

A Maria Lúcia R. Fajóli, secretária do Programa de Pós-Graduação, pelas informações a respeito de normas e prazos, por resolver os problemas sempre com prontidão.

Finalmente, agradeço ao apoio financeiro da CAPES.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	13
2 INTRODUÇÃO	14
2.1 Concepções de raça e etnia.....	14
2.1.1 Relações raciais no Brasil.....	17
2.1.2 Relações raciais e juventude.....	19
2.2 Capital Social na análise das relações raciais juvenis.....	21
2.3 Teoria das Representações sociais.....	23
3 OBJETIVOS E HIPÓTESE	27
4 MÉTODO	29
4.1 Aspectos éticos.....	29
4.2 Coleta dos dados: contato e coleta dos dados, participantes e instrumento.....	29
4.2.1 Aproximação com o contexto pesquisado	29
4.2.2 Coleta dos dados.....	30
4.2.3 Descrição dos participantes.....	30
4.2.4 Instrumento para a coleta de dados.....	32
4.3 Tratamento e Análise dos dados.....	33
4.3.1 <i>Software</i> ALCESTE.....	33
5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	36
5.1 Registro de campo.....	36
5.2 Descrição dos dados sexo masculino.....	37
5.2.1 Descrição dos jovens sexo masculino.....	37

5.2.2 Apresentação dos dados sexo masculino - Classificação Hierárquica Descendente (CHD).....	38
5.3 Descrição dos dados sexo feminino.....	49
5.3.1 Descrição dos jovens sexo feminino.....	49
5.3.2 Apresentação dos dados sexo feminino- Classificação Hierárquica Descendente (CHD).....	50
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	64
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS.....	91
APÊNDICES.....	98

ALCESTE	Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte
Ceert	Centro de Estudos das Relações do Trabalho e Desigualdade
EJUNE	Encontro Nacional da Juventude Negra
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas
PMV	Prefeitura Municipal de Vitória
SEPPIR	Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura

LISTA DE TABELAS

Tabela	Pag
Tabela 1 – Caracterização dos Participantes	38
Tabela 2 – Palavras características do Eixo 1- O MORRO É MEU SOLO. Classe 1: <i>Participação comunitária</i>	40
Tabela 3 - Palavras características do Eixo 1- O MORRO É MEU SOLO: Classe 2: <i>Ser jovem Negro</i>	42
Tabela 4 - Palavras características do Eixo 1- O MORRO É MEU SOLO. Classe 3: <i>Planos para o futuro</i>	43
Tabela 5 - Palavras características do Eixo 1- O MORRO É MEU SOLO. Classe 5: <i>Dificuldades</i>	44
Tabela 6 - Palavras características do Eixo 2- O MORRO É MEU CÉU. Classe 4 – <i>Religiosidade</i>	47
Tabela 7 – Caracterização das Participantes	50
Tabela 8 - Palavras características do Eixo 1 – JUVENTUDE E DIFICULDADES. Classe 6: <i>Negritude: dificuldade e preconceito</i>	52
Tabela 9 - Palavras características do Eixo 1 – JUVENTUDE E DIFICULDADES. Classe 3: <i>Comunidade carente</i>	53
Tabela 10 - Palavras características do Eixo 1 – JUVENTUDE E DIFICULDADES. Classe 1: <i>Desvantagens femininas</i>	56
Tabela 11 - Palavras características do Eixo 1 – JUVENTUDE E DIFICULDADES. Classe 5: <i>Violência</i>	58
Tabela 12 - Palavras características do Eixo 2 – RESISTÊNCIA. Classe 2: <i>Exaltação da comunidade</i>	60
Tabela 13 - Palavras características do Eixo 2 – RESISTÊNCIA. Classe 4: <i>Cultura e participação comunitária</i>	62

LISTA DE FIGURAS

Figura	Página
Figura 1 – Dendrograma das classes do <i>corpus</i> masculino	39
Figura 2 - Dendrograma das classes do <i>corpus</i> feminino.	51

Tesche, B. B. (2010). *Representação Social de juventude para jovens negros em bairros populares de Vitória - ES*. Vitória, 98p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo.

RESUMO

Tendo como base a Teoria das Representações Sociais proposta por Serge Moscovici, o presente trabalho busca conhecer a representação social de juventude negra para jovens negros moradores em bairro com maioria populacional preta ou parda, bairros esses que tenha uma produção cultural com base na cultura afro-brasileira. Especificamente identificamos os espaços de convivência juvenil nos bairros estudados e a forma de participação dos jovens nestes espaços, analisamos a relação entre produção cultural negra e elementos de representação social de ser jovem. Investigamos a relação entre a representação social de jovem negro e a representação social de jovens em geral. Nossa hipótese é que nos bairros onde a cultura negra é produzida e reproduzida amplamente, os jovens apresentam essa cultura no centro de suas representações sociais de juventude. Foram entrevistados 12 jovens de 19 a 28 anos, seis do sexo masculino e seis do sexo feminino, residentes nos bairros de Fonte Grande ou Piedade em Vitória / ES. As entrevistas seguiram um roteiro semi-estruturado com dois blocos temáticos, um sobre adolescência e juventude do entrevistado e outro sobre a comunidade e participação dos jovens, além de questões sócio-demográficas. Os resultados indicaram que a representação social dos participantes sobre juventude negra é liberdade com responsabilidade, trabalho e resistência ao preconceito racial. Homens e mulheres tiveram a mesma representação social sobre juventude, mas tiveram resultados diferentes ao articularmos a representação social de juventude com a representação social de gênero. Uma segunda representação social foi identificada e corresponde a representação que os participantes acreditam que a sociedade tem deles, e da população negra em geral, como bandidos em potencial, perigosos e sujeitos. Para manter uma representação social positiva da população jovem negra, os participantes recorrem a rede cultural dos bairros, onde novas concepções podem ser produzidas e onde podem fortalecer-se para enfrentar o preconceito e o estereótipo.

Palavras-chave: Representação social, juventude negra, comunidade, cultura.

Tesche, B. B. (2010). *Social representation of the youth on young blacks in slums in Vitória – ES*. Vitória, 98 p. Masters Dissertation. Post-Graduation Program in Psychology, Federal University of Espírito Santo.

ABSTRACT

Based on the Theory of Representations proposed by Serge Moscovici, this paper seeks to find out the social representation of the black youth on young blacks, residents in a neighborhood of mostly black people, that has a cultural production based on afro-brazilian culture. Basically, we identified the places where young people lived and how young people contribute in these places. Also, we analyzed the relationship between the black cultural production and the elements of social representation of being young, as well as, investigated the relationship between social representation of black youth and the social representation of youth in general. Our assumption, is that in neighborhoods where black culture is produced and reproduced widely, young people have black culture in the center of their youth social representation. We interviewed 12 young people between 19 and 28 years, six males and six females, residents of Fonte Grande and Piedade in Vitória / ES neighborhoods. The interviews follow a semi-structured guide in two thematic sections. First, on adolescence and youth. Secondly, about the community and youth participation. Also, it contained socioeconomic issues. The results show that social representation of participants on black youth are freedom, discipline, determination, and resistance to racism. Both men and women had the same social representation of youth but, on the other hand, the same had different results on how to articulate the social representation of youth with the social representation of gender. A second social representation was identified and it corresponds to the participants beliefs on how society perceive the black community, in general, as potential dirty and dangerous criminals. Finally, in order to maintain a positive social image of black young people, participants utilized their neighborhood cultural network, where new concepts are developed to help change racism and stereotype.

Keywords: Social representation, black youth, community and culture.

1 APRESENTAÇÃO

Pensar as relações étnicas no Brasil remete a deixar à mostra práticas preconceituosas camufladas por um ideal de igualdade. Não existe mais a política pública de branqueamento populacional como no final do século XIX (Sales Jr., 2006), mas enfrentamos os reflexos de um sentimento de igualdade étnica forjado em uma política pública posterior que pregava a união para a formação do país. Segundo esse ideal de formação nacional, cada grupo étnico contribuiu com o país de forma igualitária, levando a pensar que não existem diferenças entre os brasileiros. Por outro lado, ao analisarmos a situação socioeconômica da população, percebemos desigualdades marcadas pela etnia, em geral um desfavorecimento da população preta e parda/ negra em relação à população branca. Entre os jovens existe um percentual maior de mortes por causas externas para jovens negros. Na educação, o jovem negro tem menor permanência e frequência escolar. Na mídia a participação de negros em novelas e em campanhas publicitárias, por exemplo, continua sendo em papéis periféricos e desvalorizados socialmente. Pensar a formação do jovem negro nos faz indagar como ele constrói a representação de ser jovem em um país com todos estes referenciais discriminatórios e excludentes.

O debate das relações étnicas no Brasil ganhou força com a criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) em 2003. A criação de uma secretaria especializada para a discussão das relações sociais da população negra chama a atenção para a necessidade de trabalhar as relações étnicas no Brasil de forma transversal, em políticas públicas em diversas áreas. A pesquisa aqui apresentada visa contribuir para o debate das relações raciais no Brasil estudando essa temática em um grupo juvenil.

2 INTRODUÇÃO

2.1 Concepções de raça e etnia

O conceito de raça direcionado a análise das relações humanas nunca esteve ligado a uma concepção exclusivamente biológica (Barbujani, 2007). Cunhado na biologia, esse conceito teve uma apropriação social, atribuindo à raça diversas características construídas nas relações sociais. No século XIX, na perspectiva do darwinismo social, a ideia de uma raça humana pura que congregava características valoradas positivamente em detrimento de uma miscigenação que *degradava* as raças, fomentou propostas eugenistas (Banton, 1977). No Brasil, nos séculos XIX e XX, vigoraram tais ideias, exemplificadas pela ideologia do branqueamento da população proposto por nossa elite (Carone, 2003; Seyferth, 1995). Embora tenham desenvolvido políticas nacionais baseadas na classificação humana em raças, autores do século XIX já questionavam essa classificação. Weber (1999) ao discutir raça, não a coloca como único elemento para definição de um grupo identitário, mas como um possível elemento. O autor trabalha o conceito de grupo étnico, em que o sentimento de pertencimento a uma origem comum seria um dos fatores de aglutinação e identificação de um grupo social. A inclusão de aspectos subjetivos na definição de um grupo social, anteriormente definido apenas por questões raciais, possibilita a discussão da relação entre estes grupos e sua cultura em seu processo de formação. A noção de cultura estava ligada às discussões sobre as raças, pois as mesmas eram entendidas como geradoras da diversidade cultural.

A Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura (UNESCO) recomendou o abandono do termo raça em 1960 devido à inexistência de bases biológicas para a afirmação de diferenças raciais entre humanos. O termo *grupo étnico* foi gradativamente sendo utilizado em detrimento do termo raça. Amâncio e Cabecinhas (2004) afirmam que o termo tem “sido empregado para referir situações de grupos sociais minoritários, que são percebidos e classificados em função de sua diferenciação cultural face aos padrões estabelecidos da cultura dominante” (p. 6). Dessa forma, diversos estudos privilegiam a utilização do termo *grupo étnico* ao tratar de grupos minoritários no embate de forças na sociedade.

É atribuído ao antropólogo Kabengele Munanga, professor titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, o resgate do termo raça para a discussão das consequências que a visão racializada sobre a sociedade brasileira teve nas relações sociais no país (Santos, Santos & Borges, 2005). Em diversos trabalhos, o termo

raça foi empregado no intuito de discutir as consequências da ideia de racialização em nossa sociedade (Bernardino, 2002; Barreto & Oliveira, 2003). Em relação à população negra, tanto o termo *grupo étnico* como *população negra* e *negritude* (referindo-se a população preta e parda) são utilizados como sinônimos nesses estudos. Amâncio e Cabecinhas (2004) demonstram que as representações sociais entre portugueses do termo raça e grupo étnico são aplicadas à mesma população, mas ao grupo racial são atribuídas características biológicas tidas como imutáveis. Este trabalho demonstra que mesmo com a adesão da ciência a uma visão ampla sobre as diferenças existentes entre os grupos étnicos e a existência de uma representação sobre grupo étnico, a ideia de raça continua coexistindo com o conceito de grupo étnico, sendo muitas vezes utilizada como sinônimo desse. Neste mesmo trabalho, as autoras demonstram que os mesmos grupos étnicos são entendidos como raciais e são atribuídas a eles características positivas, mas menos valorizadas dentro da sociedade. Essa aparente valorização do diferente esconde exercícios de exclusão *politicamente corretos*, pois não desqualifica o grupo étnico, apenas atribui a eles características positivas, mas com valor social inferior, gerando uma discriminação camuflada.

Em nosso trabalho, utilizaremos o termo raça como descreve Gomes (2006) tendo “*raça* na sua dimensão histórica, social, política e cultural, afastando-se da crença no determinismo biológico e questionando a ideia de purismo e supremacia racial”. (p. 46) Para Lima e Vala (2004) o racismo é mais que uma atitude de discriminar. Segundo os autores, “racismo constitui-se num processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social que é definida como diferente com base em alguma marca física externa (real ou imaginada), a qual é re-significada em termos de uma marca cultural interna que define padrões de comportamento” (p.402). Com as legislações contra a discriminação racial, as formas de expressão do racismo na atualidade tendem a ser veladas, fazendo um contraponto com as formas de racismo do século passado que eram abertas e flagrantes. Lima & Vala (2004) buscaram analisar as novas teorias sobre preconceito e racismo, discutindo cada uma delas. Eles identificam seis teorias sobre as formas de manifestações de racismo na atualidade. São elas: *racismo simbólico*, *racismo moderno*, *racismo aversivo*, *racismo ambivalente*, *preconceito sutil* e *racismo cordial*.

O racismo simbólico e o racismo moderno têm entre si semelhanças podendo até ser identificados como mesmo. Para Lima & Vala (2004) nessa forma de racismo “as atitudes contra os negros decorrem menos da percepção por parte do grupo dominante de que os negros constituem uma ameaça econômica concreta, e mais da percepção dos negros como uma ameaça simbólica, ameaça aos valores e à cultura do grupo dominante” (p.404). O

racismo aversivo envolve a assimilação de valores de igualdade entre as pessoas e por outro lado, sentimentos e crenças aversivas e que desqualificam a população negra. Esses sentimentos que desqualificam a população negra seriam produzidos, segundo a teoria, pelo “a) do contexto racista de socialização a que os atores sociais estão sujeitos, e b) dos mecanismos da categorização e do viés endogrupal, que contribuem para o desenvolvimento dos estereótipos e do preconceito.” (Lima & Vala, 2004, p.405). O racismo ambivalente trata “efeitos da ambivalência de sentimentos na expressão do racismo” (Lima & Vala, 2004, p.405). Os autores ilustram a expressão do racismo ambivalente com o seguinte exemplo:

num programa infantil na TV, vimos uma cena na qual uma apresentadora branca colocava no colo crianças do auditório. Ela pegava a criança, fazia um ligeiro afago, e em seguida entregava para uma das suas assistentes. Ela fez isto com seis ou sete crianças brancas uma após a outra; a criança seguinte era uma menina negra. A apresentadora mudou todo o seu esquema gestual, além do afago beijou repetidamente a criança, antes de entregá-la para a sua assistente. Este comportamento é típico de uma nova forma de racismo, ou melhor, dizendo, de um elemento ubíquo a todas as “novas formas” de racismo, a ambivalência. (Lima & Vala, 2004, p.405)

As teorias vistas até agora foram construídas a partir da análise da sociedade norte-americana. O preconceito sutil é uma teoria construída a partir dos estudos na Europa das minorias vindas das antigas ex-colônias. Essa teoria explica a formação do racismo a partir de três dimensões, como descrevem Lima & Vala (2004):

a primeira dimensão é a dimensão da defesa dos valores tradicionais. Esta dimensão se refere à percepção dos membros do exogrupo como estando agindo de maneira incorreta e mesmo condenável na busca da realização social. (...) A segunda dimensão é a dimensão do exagero das diferenças culturais, que se refere à percepção de que o exogrupo é culturalmente muito diferente do endogrupo. (...) Finalmente, a terceira dimensão do preconceito sutil, a dimensão da negação de emoções positivas, caracteriza-se pela rejeição à expressão de simpatia e admiração com relação aos membros do exogrupo. (p.407)

O racismo cordial (Turra & Venturi, 1995) é uma expressão encontrada no Brasil, sendo definido como “uma forma de discriminação contra os cidadãos não brancos (negros e mulatos), que se caracteriza por uma polidez superficial que reveste atitudes e comportamentos discriminatórios, que se expressam ao nível das relações interpessoais através de piadas, ditos populares e brincadeiras de cunho “racial” (Lima & Vala, 2004, p.407). Sobre o racismo cordial iremos ampliar o debate ao analisarmos as relações raciais no Brasil.

Assim, formas discriminatórias mais diversas tem se mantido na sociedade, gerando exclusão de uma população preta e parda do acesso a diversos bens ou desvalorizando esta população em determinadas relações sociais.

2.1.1 Relações raciais no Brasil

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2008) 7,4 % da população brasileira se declara preta e 42,3 % parda, num total de 49,7 % da população brasileira, sendo o maior grupo populacional. Esta população preta e parda está distribuída no território nacional: na região sul representa 20,3% da população, alcançando maior índice na região norte onde representa 73,5% da população.

Em relação à escolaridade, em 2007, dos 14 milhões de analfabetos brasileiros, nove milhões eram pretos ou pardos. Em termos relativos, a taxa de pretos e pardos que têm mais de 15 anos e são analfabetos é mais do que o dobro da taxa de brancos (IBGE, 2008). Em geral, a população preta e parda tem um ano de estudo a menos que a média nacional e 1,75 anos a menos que a população branca (IBGE, 2008). A análise destes indicadores evidenciam a manutenção de uma situação de desigualdade social que se constrói mesmo após a abolição da escravidão, sem a inserção da população negra nas relações de trabalho não-escravas. O agravamento desta desigualdade fica evidente se analisarmos o acesso da população preta e parda ao ensino superior. Tema em evidência devido principalmente à política de cotas nas universidades públicas, não apenas o acesso da população preta e parda à universidade é menor do que o da população branca como também a frequência e finalização do curso. Segundo o IBGE (2008) a frequência de pretos e pardos no ensino superior em 2007 foi menor que a taxa de brancos uma década antes. A diferença a favor dos brancos aumentou nesse período: em 1997 12,2% dos jovens brancos de 21 anos estavam no ensino superior contra 2,6% de pretos e pardos. Em 2007 eram 24,4% dos jovens brancos e 8,4% de pretos e pardos, o que indica que a diferença aumentou de 9,6 pontos percentuais para 15,8 pontos em uma década (IBGE, 2008). Consequentemente, a diferença entre brancos, pretos e pardos com nível de escolaridade superior concluído também aumentou nesta década. Em 1997, 9,6% dos brancos brasileiros tinham nível superior completo contra 2,2% dos pretos e pardos juntos. Em 2007 o percentual de brancos foi 13,4 % e o de pretos e pardos foi 4,0%, indicando um aumento da diferença de 7,4 para 9,4 pontos percentuais mostrando que “após uma década a composição racial das pessoas que completaram o nível superior permanece inalterada, ou até mais inadequada, em termos de representação dos pretos e pardos, continuando a se constituir como um obstáculo para a ascensão social destes.” (IBGE, 2000, p.211)

O acesso ao nível superior repercute no acesso ao mercado de trabalho, manutenção do emprego e ascensão na carreira. De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2008) há uma tendência no aumento populacional preto e pardo no país. Este aumento

populacional, de acordo com o instituto, não corresponde a um aumento de rendimentos pois atualmente a população negra ganha 53% do valor que a população branca recebe. Essa diferença nos rendimentos também é verificada no estudo do IBGE: “as consequências destas desigualdades educacionais se refletem nas diferenças dos rendimentos médios percebidos por pretos e pardos em relação aos dos brancos, se apresentando sempre menores” (IBGE, 2008, p.212). No Espírito Santo, a população preta e parda tem 1,4 anos a menos de estudo que a população branca e recebe, em média, 57% do salário da população branca (IBGE, 2008).

No mercado de trabalho, Oliveira, Porcaro e Araújo (1985, citado por Bento, 2000) evidenciam que a população negra enfrentava duas situações: menores salários se comparada a mesma atividade de outros grupos étnicos e posição inferior no mercado de trabalho, ocupando as piores colocações. Segundo Bento (2000), de acordo com os dados do Mapa do Negro no mercado de trabalho produzido em 1999, a discriminação étnica está presente e interfere em todos os espaços do mercado de trabalho brasileiro. Ao discutir o acesso da população negra ao mercado de trabalho, a socióloga consultora do Centro de Estudos das Relações do Trabalho e Desigualdade (Ceert), Sra. Mércia Consolação Silva (Aguiar, 2003) evidencia que a discriminação dentro das empresas não ocorre de forma direta e individualizada. A discriminação ocorre, por exemplo, na ausência de programas que valorizem a diversidade étnica e na exclusão de pretos e pardos de programas de qualificação que posteriormente serão utilizados como avaliação para promoções.

As diferenças independem do tempo de escolaridade. Segundo o IBGE (2008) os brancos recebem mais que os pretos e pardos em todos os níveis de escolaridade, inclusive aqueles que têm ensino superior. Em níveis iguais de escolaridade, na população com 12 ou mais anos e estudos, os pretos e pardos recebem em média 60 % do salário dos brancos. No fator rendimentos, a população preta e parda só alcançaria a branca em 2040 (IPEA, 2008). Essa estimativa de alcance da população negra da renda da população branca, segundo o IPEA, só acontecerá se o Governo investir em programas que garantam o acesso da população negra ao mercado de trabalho diminuindo a desigualdade de renda entre brancos e negros (pretos e pardos). Entre estas medidas de acesso facilitado da população negra estão o sistema de cotas na educação e no mercado de trabalho. Dessa forma, políticas de ação afirmativa contribuem na modificação deste cenário nacional de desqualificação da população negra, possibilitando diminuição das desigualdades sociais existentes no Brasil. Bernardino (2002) evidencia que as propostas de ações afirmativas, além de minimizar as diferenças econômicas e sociais, possibilitam uma reformulação das relações étnicas no Brasil especialmente com a valorização da população negra.

Sales Jr. (2006) trabalha no artigo *Democracia racial: o não-dito racista* o mito da democracia racial e uma prática de racismo que se instaurou no país, o que ele denomina de racismo cordial. Segundo Sales Jr. (2006) no “racismo 'cordial', o terror racial toma a forma de ironia ou sarcasmo; a tragédia racial torna-se comédia ou humorismo: 'racismo espirituoso” (p. 236). Nestas circunstâncias a discriminação racial é vista como um mal entendido ou como baixa autoestima do negro, que acredita estar sendo discriminado. A situação se reverte e o discriminador torna-se vítima, pois não estava discriminando apenas fazendo uma brincadeira. Outra forma de racismo “cordial” é dificultar o acesso de determinado grupo social, no caso a população negra, aos bens econômicos, sociais e culturais produzidos pela sociedade. A desqualificação da população negra concentra-se em espaços sociais onde o acesso poderia desestabilizar as relações assimétricas de poder. Dessa forma, a manutenção das relações assimétricas de poder é garantida.

Petruccelli (2001), analisando dados do IBGE, conclui que as mulheres negras são as menos visadas no Brasil quando o assunto é casamento. Os estudos de Gomes (2002; 2006) analisam a desqualificação da estética negra e dos traços fenotípicos da população afro-brasileira, desqualificação presentes inclusive nas instituições de ensino. A autora evidencia também que a dificuldade da população negra em encontrar serviços estéticos específicos foi o motivo de muitos cabeleireiros iniciarem seu trabalho com salões étnicos. Embora uma parcela considerável da população se auto-declare preta ou parda, o mercado não oferece a estas serviços específicos para conservação e valorização da estética negra.

2.1.2 Relações raciais e juventude

Ao analisarmos a população jovem, verificamos a mesma situação da população preta e parda em geral: menor nível de escolaridade, menor frequência escolar, dificuldade de acesso aos serviços de saúde, dificuldade na mobilidade social. Um dos reflexos desta situação é a distribuição da riqueza no país. Entre os 1% da população mais rica do país, 86% são brancos e 12% são pretos e pardos. Já entre os 10% mais pobres do país, 25% são brancos e 74% são pretos ou pardos (IBGE, 2008).

Analisando as relações étnicas entre os jovens, percebemos que a diferenciação entre pretos, pardos e brancos aumenta. Em relação à escolaridade, em 2007 os jovens brancos tiveram frequência escolar de 47,1% para 18 e 19 anos e de 29,5% para 20 a 24 anos no país. A média de frequência escolar nacional para as mesmas faixas etárias foram de 43,2% e

20,8% na população preta e parda, uma diferença de 3,9 e 9 pontos percentuais no país. A permanência na escola repercute nos anos de estudo dos jovens. Enquanto 71,1% dos jovens pretos e pardos têm ensino fundamental ou médio, 87,3% dos jovens brancos têm ensino médio ou superior. Se focalizarmos apenas o ensino superior, a diferença fica maior: 25,4% dos jovens negros estão no ensino superior contra 57,9% dos jovens brancos. No Espírito Santo os índices nacionais se repetem. Embora na faixa etária de 15 a 19 anos, que corresponde ao ensino médio, os jovens brancos sempre estejam em percentual superior aos pretos e pardos, os percentuais dos diferentes grupos estudando são próximos. Já na faixa de 20 a 24 anos, que corresponderia ao ensino superior, o percentual de brancos é o dobro do percentual de pretos e pardos (IBGE, 2008).

As desvantagens estão também no acesso dos jovens negros ao sistema de saúde. A condição econômica precária, dificuldade de acesso à informação, bens e serviços estão associadas à mortalidade específica (tuberculose, malária, doença de Chagas, HIV/Aids, alcoolismo, morte materna, morte sem assistência, morte por causas mal definidas e causas externas) causando impactos na saúde. A população preta e parda em nossa sociedade é aquela que tem as piores condições de vida o que leva a crer que esta população pode estar mais vulnerável a esta mortalidade (Batista, 2005). Nesse aspecto, a mulher negra encontra-se em desvantagem. O contágio com HIV/Aids e outras DSTs está ligado a utilização de preservativos. Em uma comparação entre mulheres negras e brancas, 42% das mulheres brancas fazem uso de preservativo contra 28% das mulheres negras (Berquó, Lima, Lopes, Pereira, Pinto & Oliveira, 2002).

Geralmente, é após os 15 anos que se verifica a sobremortalidade masculina, particularmente nos contextos urbano-metropolitanos. Nos jovens este fenômeno está diretamente associado às mortes por causas externas. A mortalidade por causas violentas entre jovens também é marcada pela cor. No estado de São Paulo, a mortalidade de pretos e pardos de 15 a 19 anos é o dobro da de brancos, e é o triplo na faixa de 20 a 24 anos (Batista, 2005). O autor analisa as diferenças na morte por causas externas entre os gêneros: as jovens negras apresentam mortalidade de 30,37 contra 23,26 das jovens brancas, a cada grupo de 100 mil mulheres. Entre os homens jovens a taxa de mortalidade por causas violentas é de 274,37 dos jovens negros contra 136,23 dos jovens brancos, mostrando que por causas violentas os homens jovens negros morrem duas vezes mais que os brancos (Batista, 2005).

Ao analisar a pirâmide populacional, ocorre uma queda abrupta no número de jovens do sexo masculino em qualquer grupo racial, mas esta mortalidade deveria estar diretamente ligada ao percentual de cada grupo no contingente populacional geral. Não foi isso que Baptista (2005)

encontrou ao analisar a pirâmide etária em São Paulo. Embora homens jovens pretos, pardos e brancos morram mais, os jovens negros representam 2% da população de São Paulo e a proporção de mortes por causas violentas entre eles é de 7%. Esse percentual evidencia uma maior exposição da população jovem preta e parda, em especial os homens, à violência.

Mesmo em regiões onde a população preta e parda é minoria, os índices de mortes por causas violentas são maiores para essa população. No Rio Grande do Sul, a população negra representa 12% do total, mas a mortalidade por causas violentas dos jovens até 29 anos é mais que o dobro da dos jovens brancos. Na cidade de São Leopoldo, um jovem negro tem 44 % de chances a mais de morrer por homicídio em comparação com os jovens brancos (Barros, Grano, Hennington, Meneghel, Silva, Siqueira et al, 2008).

Todas as informações acima evidenciam a desqualificação da população preta e parda em diversos setores, chegando a facilitar o aumento da mortalidade seja por doenças seja por causas externas, principalmente a violência. Juntam-se a este quadro socio-econômico desfavorável o preconceito velado, a dificuldade no acesso a bens e à ascensão social aliados à concepção de fracasso individual e à culpabilização. Continuamos em uma situação na qual a população afro-descendente mantém-se em desvantagem em relação aos brancos no usufruto de recursos e benefícios.

Pensar em melhores condições de vida para a população negra, em especial a população negra jovem, vai além de pensar a inserção no mercado de trabalho, em condições dignas de saúde, de educação e de qualificação profissional. A valorização do jovem negro passa pela valorização de suas relações sociais, de suas redes de confiança, de valores, formas de socialização, estética. Envolve a valorização de uma produção de formas de vida que muitas vezes são expostas apenas por estereótipos e folclorizações. Esse conjunto de conhecimentos que possibilita valorização de si, segurança e apoio mútuo é conhecido como capital social.

2.2 Capital Social na análise das relações raciais juvenis

Segundo Bourdieu (2005) capital social é o conjunto relações reais e potenciais ligadas à participação em uma rede, institucional ou não, que seja auxílio e reconhecimento mútuo, um grupo dotado de características comuns e laços permanentes. Essa interação não aconteceria ao acaso, deve ter um sentido. Para Durston (2000) capital social é um conceito sensibilizador que “dirige la atención a la importancia de la sociabilidad” (p. 7). Entre os grupos juvenis o conceito de capital social pode ser empregado no estudo de diferentes redes

sociais, construídas pelos mais diversos motivos, congregando jovens em torno de gostos, opiniões e causas. O fato de poucos jovens atuarem nos espaços políticos oficiais, a falta de espaços próprios de formulação e implementação de políticas juvenis leva à proliferação de pequenas redes e à utilização de capital social para complementar estas deficiências (Núñez, 2003). Os espaços de organização dos jovens funcionariam então como esta rede de apoio, podendo estar interligadas e dando suporte a buscas comuns ao grupo. Segundo Gojzman (2003) estas redes “permitiría la generación de un valor extra, fruto del tejido de relaciones que el grupo implica, capaz de enfrentar colectivamente los condicionantes materiales que la escasez parece determinar para los individuos carentes de otro tipo de capital (económico, financiero)” (p.34). De acordo com o autor, esses grupos podem fornecer uma dimensão de análise pouco explorada: espaços apropriados e construídos por jovens e uma história comum para os integrantes da rede.

Na América Latina, algumas pesquisas já analisam a relação do capital social juvenil com a motivação e participação em movimentos sociais e políticos. Abreo (2003), em seu trabalho com jovens em situação de risco em Cali na Colômbia, demonstrou que aqueles jovens se reuniam para discutir os problemas que enfrentavam de acordo com suas referências comunitárias, circunscritos em uma realidade social nacional. Gojzman (2003) discute a participação juvenil comunitária e na formação de redes de apoio na Argentina, a partir das relações desenvolvidas na “Casa de la Cultura” no município de Almirante Brown. Niño (2003) analisa afirmações identitárias juvenis em um bairro de Bogotá. Estas afirmações estão revitalizando formas antigas de relação, levando ao aproveitamento e criação de espaços de recreação e desenvolvimento juvenil. Em todos os trabalhos citados a interação entre os jovens e a formação de grupos juvenis é analisada como possibilidade de geração de capital social.

Espaços sociais, ações comunitários e/ou institucionais em que os jovens podem expressar sua opinião, constituir redes sociais que possibilitam afirmação e apoio contribuem para a valorização e formação da identidade dos jovens negros. A contribuição de movimentos como Hip-Hop na constituição identitária de jovens nas periferias em capitais é objeto de estudo há alguns anos (Dayrell, 2002; Souza, 2006). Nas comunidades quilombolas, rurais e urbanas, a participação da juventude é motivada, inclusive como porta-voz das comunidades. A participação da juventude negra estende-se em iniciativas comunitárias de grupos culturais, festas, até organizações com expressão nacional como Encontro Nacional da Juventude Negra (EJUNE), Nação Hip-Hop e Movimento Negro. O próprio processo de exclusão a que a população jovem negra historicamente foi submetida acaba por produzir novos espaços de

discussão da realidade social, espaços de exercício de cidadania, exercício político, novos territórios para a juventude negra.

2.3 Teoria das Representações Sociais

A teoria das representações sociais é numa proposta de Serge Moscovici para o estudo do conhecimento produzido pelas pessoas comuns, no seu cotidiano. Segundo Vala (1993) a teoria trouxe uma nova forma de estudar as atividades cognitivas e simbólicas dos indivíduos no cotidiano. A proposta é pensar o conhecimento do cotidiano, do senso comum, como uma produção do grupo. De acordo com definição de Jodelet (2001) representação social “é uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para uma realidade comum a um conjunto social” (p. 22). Para a autora, as representações são criadas devido à nossa necessidade de sabermos sobre o mundo à nossa volta, sobre como devemos nos comportar diante dele e sobre como identificar e resolver os problemas que se apresentam.

Para Abric (1998) o ponto de partida da teoria foi o abandono da distinção clássica entre sujeito e objeto. “O objeto está inscrito num contexto ativo, sendo este contexto concebido pela pessoa ou grupo, pelo menos parcialmente, enquanto prolongamento do seu comportamento, de suas atitudes e das normas às quais ele se refere” (Abric, 1998, p. 27). Na teoria das representações sociais não existe uma realidade a priori, mas “toda realidade é representada, quer dizer, reapropriada pelo indivíduo ou pelo grupo, reconstruída no seu sistema cognitivo, integrada no seu sistema de valores, dependente de sua história e do contexto social e ideológico que o cerca” (Abric, 1998, p. 27). Se a realidade não é dada *a priori*, ela deve ser construída. A visão que a teoria tem sobre o sujeito é de que este é ativo, construtor da realidade social e que dela também é constituído (Santos, 2005).

O conhecimento não é apenas absorvido pelos indivíduos, ele é produzido nas relações, orienta as práticas e as próprias relações além de ser transmitido neste meio. Na construção e reprodução das representações “partilhamos esse mundo com os outros que nos servem de apoio, às vezes de forma convergente, outras pelo conflito, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo. Eis por que as representações são sociais e tão importantes na vida cotidiana” (Jodelet, 2001, p. 17). Vala (1993) afirma que as pessoas produzem teorias e significados para a realidade social, não se limitando a absorvê-las. Esse exercício de teorização também atende uma necessidade: transformar as “novidades” em algo familiar ao indivíduo, tornado o desconhecido em algo próximo, familiar (Moscovici, 2004). Representar,

para a Teoria das Representações Sociais, significa construção do real, como afirma Vala (1993), desconsiderando qualquer separação entre interior e exterior no indivíduo. Na composição de uma representação social temos uma *substância simbólica* que entra na elaboração e aliada a esta substância temos uma *prática* que é fruto, mas também é produtora desta substância (Moscovici, 1978). Prática e substância simbólica se envolvem, sendo uma produtora da outra no grupo social.

Ao propor o conceito de representações sociais para compreender o conhecimento produzido no senso comum, Trindade (1996) afirma que Moscovici não apenas enfatiza esse conhecimento como também o valoriza. As representações sociais são teorias práticas, produzidas coletivamente como resultado de interações e comunicações em um grupo social oferecendo *programas* para ações e comunicações dos indivíduos no grupo, com outros grupos e frente a situações novas (Vala, 1993). As representações sociais modificam-se de acordo com as necessidades sociais, históricas e culturais. Como afirma Abric (1998) elas dependem para sua formação tanto de fatores circunstanciais como de fatores globais, tanto das experiências particulares do indivíduo quanto dos contextos ideológicos, determinantes sociais e sistemas de valores da sociedade. Para Sá (1995), a mobilização de tais representações acontece nos locais em que as pessoas se encontram, como nas refeições, nas filas de bancos e supermercados, no trabalho, na escola.

Como produtos sociais, as representações só podem ser compreendidas analisando o contexto social no qual são elaboradas e compartilhadas. Joffe (2003) afirma que as diferenças nas representações sociais dos indivíduos podem ser atribuídas à posição social que ele ocupa. Para compreender essa representação é necessário saber e compreender também essa posição social. Como afirma Jodelet (2001), a pertença e a participação sociais ou culturais são particularidades na análise das representações sociais dos sujeitos.

As representações sociais desempenham funções na vida dos sujeitos. Abric (1998) evidencia entre essas, a função identitária. De acordo com Abric, ao compartilhar determinadas representações sociais, um grupo pode ser definido e diferenciado de outro grupo, possibilitando os processos de comparação social. Santos (2005) completa afirmando que as representações sociais possibilitam o desenvolvimento de uma identidade ao grupo, diferenciando-o dos demais. Os indivíduos que partilham uma representação social com determinado grupo, sentem-se pertencentes a este e não a outros.

Dois processos formadores estão presentes na elaboração de uma representação social: objetivação e ancoragem. A objetivação é o processo que dá forma à produção teórica do grupo social. Ela liga este conhecimento produzido a um objeto, pessoa, relação ou

comportamento, tornando esta teoria algo materializado no cotidiano. Esse processo, segundo Vala (1993), envolve a organização do conhecimento produzido visando torná-lo coeso, e a materialização deste conhecimento ligando-o a uma figura, um *esquema estruturante*. Os esquemas de relações e figuras e suas teorias são então naturalizados no grupo. A ancoragem liga as idéias novas, desconhecidas, a categorias já existentes. Com a ancoragem o que era desconhecido pelo grupo pode ser incorporado em sua simbologia, tornando-se algo familiar. Em contrapartida, quando algo se torna familiar, constituindo uma representação social ele é utilizado como categoria para organização das relações sociais (Vala, 1993). A ancoragem de um novo conhecimento a uma categoria já existente ocasiona mudanças não apenas no conceito, que pode ser reformulado para ligar-se à categoria, mas na própria categoria que continuamente é reformulada para conter novos conceitos.

Um grupo forma diversas representações sociais, mas algumas condições devem existir para que uma representação seja estabelecida. O grupo deve ter informação sobre aquela temática ou objeto e esse deve também ter relevância para as relações daquele grupo. Assim, a quantidade de informação sobre uma temática, a forma como esta informação circula, o quão importante aquela temática é para o grupo, e a necessidade de englobá-la no universo grupal são variáveis que podem influenciar nos elementos e na organização de uma representação social. Aliados a estes fatores, temos as outras formas de produção de conhecimento existentes em um grupo, que também influenciarão estas representações. Moscovici (1978) afirma que em sociedades em que a ciência, a técnica e a filosofia estão intensamente presentes, as representações sociais serão influenciadas por estes saberes, seja na forma de prolongamento dos mesmos seja em oposição a eles. O que torna evidente que a representação social “é própria de nossa sociedade e de nossa cultura” (Moscovici, 1978, p.45).

Estudos em representação social são desenvolvidos em diversos campos do conhecimento dentro das ciências humanas. Grande também é o conjunto de temas estudados através da teoria. No que diz respeito ao estudo sobre jovens, nas III e IV Jornadas Internacionais de Representações Sociais (JIRS) realizadas no Brasil, 805 trabalhos foram apresentado no total, sendo que 13,55% eram sobre juventude / adolescência (Bertollo, Drago, Freitas, Menandro, Mendes, Rölke, Trindade et al, 2007). A maioria destes trabalhos tem o jovem e o adolescente como participante, não apenas como objeto de representação social. Os autores acreditam que isto aponta para um interesse em entender como o jovem elabora e vivencia as mais diversas questões em seu dia-a-dia. Além disso, uma vez que a teoria possibilita articular as concepções construídas e as práticas dos indivíduos, o estudo das

representações sociais dos jovens / adolescentes fornece material para pensar não apenas novas pesquisas como também as práticas profissionais voltada a esta parcela da população.

Nos estudos de representação social com grupos minoritários, Amâncio e Cabecinhas (2004) mostram que características positivas são atribuídas a Angolanos por Portugueses, mas estas característica não são as mais valorizadas dentro da sociedade ocidental. Esta valorização é dada apenas aos portugueses, colocando os angolanos como grupo estereotipado e folclorizado na sociedade.

Em estudo realizado por Chulvi, Moscovici e Pérez (2002) os participantes colocaram os grupos étnicos em uma posição intermediária entre os humanos e os animais – eles não são animais, pois apresentam características humanas, mas não são englobados nos grupos dos humanos, pois apresentam características animais. Esta representação social sobre grupos étnicos coopera para o entendimento da dificuldade em trabalhar diversos aspectos da exclusão social, entre eles a discriminação. Almeida, Pereira e Torres (2003), em pesquisa realizada com estudantes, demonstram que os entrevistados afirmam também não ter preferência pela cor da pele de quem irá, por exemplo, atendê-lo em uma loja, mas afirmam que a sociedade brasileira prefere ser atendida por brancos. A discriminação é retirada da ação do indivíduo e posta na sociedade levando à construção de representações ideológicas que justificam a discriminação.

A Teoria das Representações Sociais possibilita estudar objetos sociais complexos e definidos por diversos fatores. Nesse sentido possibilita a agregação de diversas temáticas transversais aos estudos, como gênero, relações de poder, relações étnicas, exclusão social entre outros. Além disso, possibilita articular o contexto social em que a representação é utilizada e as práticas que a influenciam. Práticas valorizadas, elaboradas e difundidas pelos grupos são orientadas por representações sociais e caracterizadas pelos elementos presentes nestas representações, principalmente os centrais.

A base teórico-metodológica da teoria das representações sociais foi utilizada na presente pesquisa com a finalidade de conhecer as representações sociais de juventude para os participantes, representações essas compreendidas a partir da organização e funcionalidade, ancoragem e objetivação dos seus elementos.

3 OBJETIVOS E HIPÓTESE

Sendo as manifestações culturais mecanismos para difusão de representações sociais entre as diferentes gerações, levantamos o seguinte questionamento: em comunidades onde há produção cultural da população negra, quais são as representações sociais dos jovens sobre juventude negra? A partir deste questionamento e dos referenciais teóricos, esta pesquisa objetiva investigar a representação social de jovens negros sobre juventude negra. Os sujeitos são moradores de bairro com maioria populacional preta ou parda e com uma produção cultural com base na cultura afro-brasileira. Temos como objetivos específicos:

- Identificar os espaços de convivência juvenil nos bairros estudados e a forma de participação dos jovens nestes espaços.
- Analisar a relação entre produção cultural negra e elementos de representação social de ser jovem.
- Investigar a relação entre a representação social sobre jovem negro e a representação social sobre jovens em geral

Nossa hipótese é que em comunidades onde elementos da cultura negra são amplamente divulgados e produzidos os jovens apresentem a cultura negra como elemento constituinte de suas representações sociais de juventude.

Entendemos por elementos da cultura negra aqueles já objetos de identificação que foram criados e recriados pela população negra, nos diversos contextos sociais que viveu no Brasil desde o tráfico de escravos, ressignificando suas culturas africanas e criando novas culturas que poderiam ser reconhecidas por todos os negros. Sansone (2000) identifica elementos da cultura negra no país, tomando por base Rio de Janeiro e Salvador, e entre eles estão o samba e carnaval, jongo, umbanda, candomblé, capoeira, berimbau.

Especificamente nos bairros onde esta pesquisa ocorreu, o estudo “Memória, história e cultura nos morros da Piedade e Fonte Grande” conduzido por Oliveira (2009) buscou identificar, através da reconstrução da história dos bairros pela memória, relatos orais e documentos, os elementos da cultura da população negra local. Oliveira (2009) no relatório de pesquisa identifica e descreve as seguintes manifestações culturais presentes como constitutivas da cultura negra: procissões religiosas católicas, escola de samba, sambistas, terreiros de religiões de matriz africana. Para Silva (2009) “a relação entre a identidade negra foi destacada como uma forma de construir o pertencimento aos sambas, candomblés, umbandas, congos, jongs, marujadas.” (p.51 e 52).

Nesse trabalho adotaremos como elementos da cultura negra o conjunto já identificado pelos pesquisadores acima citados: samba e carnaval, jongo, umbanda, candomblé, capoeira, berimbau e procissões religiosas católicas.

4 MÉTODO

Para a descrição da abordagem metodológica utilizada neste trabalho de pesquisa são informadas a descrição dos participantes, os procedimentos adotados e os instrumentos

utilizados para a coleta de dados. Segue ainda a descrição sobre o tratamento e análise dos dados com utilização do software ALCETE.

4.1 Aspectos Éticos

A pesquisa desenvolvida seguiu os padrões éticos da resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde que traz as diretrizes e normas reguladoras para a pesquisa envolvendo seres humanos. A pesquisa pode ser classificada, conforme tal resolução, como sendo de risco mínimo, já que os procedimentos adotados não sujeitaram os participantes a riscos maiores dos que os encontrados nas suas atividades cotidianas. Foi respeitado o princípio do anonimato e colocada a possibilidade do participante desistir de contribuir com a pesquisa em qualquer momento da mesma. Os participantes da pesquisa assinaram termo de consentimento livre e esclarecido para a participação em pesquisa (APÊNDICE A).

4.2 Coleta dos dados: contato e coleta dos dados, participantes e instrumento.

4.2.1 Aproximação com o contexto pesquisado

O primeiro contato com os dois bairros escolhidos, no período do mestrado, ocorreu na elaboração de uma pesquisa de campo para uma das disciplinas do curso. Nessa oportunidade, uma pesquisa com a temática representação social de beleza foi desenvolvida com adolescentes da escola de primeiro grau no bairro da Fonte Grande. Essa pesquisa possibilitou confirmar algumas percepções sobre a região, principalmente sobre a maioria populacional que se auto-afirma pretos ou pardos e sobre a existência de manifestações culturais afro-brasileiras. Após a realização desta pesquisa, retornou-se ao bairro para a realização da observação participante. Durante os dois primeiros meses de pesquisa de campo, foram realizadas diversas idas e vindas aos bairros, conversas com lideranças comunitárias e moradores que poderiam fornecer informações sobre os espaços de concentração juvenil. Nesse período poucas entrevistas foram realizadas, e limitamo-nos a visitar os espaços indicados pelos jovens, observar quem participava, desenvolver conversas informais buscando identificar a participação e apropriação que os jovens faziam de cada espaço.

4.2.2 Coleta dos dados

Desenvolvemos uma pesquisa qualitativa nos bairros da Fonte Grande e da Piedade no município de Vitória /ES. O método qualitativo é uma boa alternativa para estudos que buscam compreensão detalhada das “crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos

comportamentos das pessoas” (Gaskell, 2007, p.65). O presente estudo utilizou de uma aproximação com o contexto pesquisado e posterior utilização de entrevistas individuais.

A aproximação com o contexto pesquisado focalizou as atividades no bairro que tinham concentração de jovens, sejam estes espaços institucionais ou não. Nesta aproximação pretendeu-se conhecer a comunidade, buscando “informações raras e que as pessoas desses meios não forneceriam voluntariamente” (Laville & Dionne, 1999, p. 154). As observações coletadas nesta aproximação foram registradas em um diário de campo e utilizadas posteriormente para apoiar a análise dos dados das entrevistas.

As entrevistas individuais seguiram roteiro semi-estruturado. Segundo Gaskell (2007) a entrevista qualitativa “fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e suas atitudes” (p.65). As entrevistas aconteceram em local e hora de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Utilizamos gravador digital para o registro do material discursivo com a anuência dos participantes. Buscamos identificar e caracterizar a participação dos jovens no bairro, entender como se apropriam da produção cultural desenvolvida ali, saber o que os motiva a frequentar e / ou participar de cada atividade.

4.2.3 Descrição dos participantes

Participaram desta pesquisa 12 jovens com idades de 18 a 29 anos, seis homens e seis mulheres que se auto-declararam pretos ou pardos. Dos participantes, sete residiam no bairro da Fonte Grande e cinco residiam no bairro da Piedade, ambos localizados em Vitória / ES. O acesso aos jovens participantes ocorreu nos espaços de convivência do bairro.

Os jovens participantes deste estudo são moradores de dois bairros do município de Vitória/ES: Bairro da Fonte Grande e Bairro da Piedade. Os dois bairros escolhidos para a coleta de dados estão localizados em uma mesma região da cidade e são vizinhos. A escolha destes dois bairros deu-se a dois motivos principais: a presença de um grande contingente populacional negro residindo no local segundo dados da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV, 2009) e a existência de uma produção cultural afro-brasileira, principalmente musical, há várias décadas. Os dois bairros estão localizados em uma região de morros, identificada como maciço central da cidade de Vitória. Possuem ampla área verde pertencente ao Parque Municipal da Fonte Grande.

A ocupação desta região por moradias foi datada do início do século XIX (PMV, 2009), mas o local já era transitado desde a fundação da cidade devido ao conjunto de fontes

que serviam de abastecimento de água para as pessoas. Oliveira (2009) ao estudar a história, memória e cultura nos bairros da Fonte Grande e Piedade afirma que “O morro da Fonte Grande tem esse nome devido às diversas fontes de água ali existentes, que no passado eram muito maiores em termos quantitativos e de volume de água. Houve uma época em que essas fontes abasteciam Vitória, sobretudo o Palácio do Governo” (p.36). A memória sobre as fontes de água da região está ligada às imagens das lavadeiras, profissão exercida no passado por diversas moradoras.

A presença do grande contingente populacional negro pode estar associada à utilização do local como refugio de escravos fugitivos (Prefeitura Municipal de Vitória, 2009), mas também ao adensamento populacional e à valorização das regiões de baixadas, levando a população com menor poder aquisitivo, a população negra, a ocupar a região de morros.

Os bairros compartilham alguns serviços públicos inicialmente identificados e que atendem a população visada nesta pesquisa. A região comporta uma escola de ensino fundamental com aulas noturnas. Conta também com dois grupos religiosos fortes, envolvidos em algumas manifestações culturais e que possibilitam espaços para a organização destes jovens. Além disso, conta com uma escola de Samba, fundada em 1850, que utiliza o espaço público das ruas para suas reuniões, ensaios e festas. A Escola de Samba Unidos da Piedade é formada por moradores dos dois bairros pesquisados, Fonte Grande e Piedade, e por moradores da região central de Vitória. Sobre a formação da Escola de Samba Unidos da Piedade, Silva (2009) escreve:

No carnaval, saíam pequenos grupos chamados de batucadas, que foram aumentando, tomando forma e, então, surgiram em vários subúrbios, chegando a 12. Foi, então, fundada a União das Batucadas e Escolas de Samba, embora não existissem escolas de samba. A primeira a se organizar foi a Unidos da Piedade, sob a direção de Rominho, na Fonte Grande, que esteve no Rio, aprendendo o ritmo dos surdos e tamborins. Na Fonte Grande, foram formadas duas batucadas, sendo que em um carnaval, na subida do morro, na rua 7 de Setembro, as duas se encontraram e o pau comeu solto, numa briga tremenda. No ano seguinte, surgiu o “Chapéu do Lado”, baseado no samba carioca. “Meu chapéu do lado, sapato arrastando, navalha no bolso, eu passo gingando...” (p.60)

Silva (2009) destaca a invisibilidade da produção cultural negra, principalmente do samba, nos registros públicos:

Durante a pesquisa documental saltou aos olhos a escassez de fontes escritas sobre o samba capixaba. As notícias dos jornais fazem referência exclusivamente ao carnaval como um espetáculo e não como uma festa popular. A despeito de suas referências há relativa confusão entre samba e carnaval, pois a imagem corrente é que este derive daquela, quando, na verdade, o carnaval tornou-se uma expressão ímpar no modo de produção dos sambistas a partir especialmente do governo Vargas (p.51).

A respeito de instituições públicas na região, não são encontradas aquelas destinadas a jovens e voltadas à produção cultural. Existe um instituto de educação e pesquisa que promove e desenvolve trabalhos de valorização da cultura e estética negra, no qual estão envolvidos alguns moradores dos bairros.

4.2.4 Instrumento para a coleta de dados

A entrevista foi elaborada de forma a seguir um roteiro semi-estruturado subdividido em dois blocos de questões, além de perguntas para caracterização dos sujeitos, conforme descrito abaixo:

- Caracterização do sujeito: sexo, idade, naturalidade, bairro em que reside e tempo de residência no mesmo, com quem mora, estado civil, escolaridade, cor/etnia.

As questões a respeito de naturalidade e tempo de residência no bairro visaram identificar os participantes que migraram para a região como também aqueles que residiam lá desde sua adolescência e/ ou infância. Em relação ao estado civil foram considerados como casados os jovens que se declararam assim, mesmo não tendo registro civil da relação. Para o registro de cor/etnia foram utilizados os mesmos termos do IBGE.

O primeiro bloco do roteiro abrangeu a vivência do entrevistado da adolescência à juventude. Iniciamos pela adolescência para identificar o contexto de inserção deste jovem nas atividades culturais do bairro, atividades de lazer, quais aspectos destaca como sendo marcantes e as dificuldades lembradas. No caso dos jovens que não viveram a adolescência no bairro, o roteiro foi alterado, incluindo questões sobre a vinda para o bairro, impressões ao chegar e motivos de escolha do mesmo para morar.

- Adolescência e juventude do entrevistado: Como foi vivida a adolescência, aspectos significativos, lembranças mais vivas e momentos difíceis. Como está se passando a juventude, dificuldades, aspectos significativos, perspectivas para a juventude, significado de juventude, significado de juventude negra, relação juventude e cultura, juventude e cultura no bairro.

As questões do segundo bloco identificaram a opinião dos entrevistados sobre os bairros em que residem e sobre a atuação dos jovens nas atividades culturais existentes identificadas por eles. Em relação à participação dos jovens perguntou-se onde e como essa

participação acontece, como eles avaliavam essa participação.

- Sobre o bairro em que reside e a participação dos jovens nas atividades existentes: Caracterização do bairro, pontos positivos e negativos do local, conhecimento que os jovens em geral têm sobre a história dos bairros, marcas do local – beleza, pobreza, violência entre outras e como os jovens percebem isso. Produção cultural comunitária, manifestações culturais do bairro, participação dos jovens, relação cultura e outros espaços da vida - família, escola, trabalho entre outros, motivações para participar e motivações para não participar.

Destacamos que o roteiro foi utilizado como um guia, sendo flexível o suficiente para se adaptar a cada participante e sua história. Conseguimos com isso um conjunto de dados sobre as opiniões, atuações, valores, motivações desses jovens que vivem um contexto semelhante, mas com diferentes inserções. O roteiro de entrevista encontra-se no APÊNDICE B.

4.3 Tratamento e Análise dos dados

As entrevistas foram transcritas integralmente, separadas por grupo do sexo feminino e grupo do sexo masculino. Após a transcrição integral, cada grupo de entrevistas foi reunido formando dois arquivos que foram preparados para análise com recurso do *software* ALCESTE (*Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte*).

4.3.1 *Software* ALCESTE

Os dados foram analisados com o auxílio do *software* ALCESTE (*Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte*), que permite identificar o conteúdo das representações sociais, bem como os sujeitos típicos de cada conjunto de significados encontrado. Como ferramenta de análise o ALCESTE tem sido utilizado por diversos pesquisadores no campo das Representações Sociais, em trabalhos sobre diferentes temáticas (Menandro, 2004). Segundo Alba (2004) o ALCESTE é um programa desenvolvido em contato com as necessidades e problemáticas das investigações sociais que envolvem a análise de materiais linguísticos, como as respostas a perguntas abertas em questionários e as entrevistas em profundidade. Camargo (2005) descreve que o *software* ALCESTE “emprega uma análise de classificação hierárquica descendente, além de permitir uma análise lexicográfica do material textual, oferece contextos que são caracterizados pelo seu vocabulário

e pelos segmentos de textos que compartilham este vocabulário” (p.512).

De acordo com Alba (2004) o programa trabalha em três etapas. Primeiro ele divide o texto em unidades de contexto elementares realizando uma separação de frases do *corpus*. A partir deste banco de frases ele construirá unidades de contexto. Na segunda etapa ele classifica as unidades criadas anteriormente a partir do seu conteúdo. Estas unidades são agrupadas em classes com base em temas extraídos do *corpus* analisado. Na terceira etapa as classes criadas com a classificação realizada na segunda etapa são trabalhadas com uma série de procedimentos estatísticos.

A análise realizada pelo ALCESTE considera apenas as “palavras com sentido”, ou seja, verbos, substantivos, adjetivos e advérbios. O programa agrupa sob uma mesma forma reduzida as diferentes palavras com o mesmo radical, montado ao final da análise um dicionário contendo cada uma das formas reduzidas, as “palavras com sentido”, quantas vezes cada palavra aparece em cada uma das classes. Por exemplo, na forma reduzida *trabalh+* podem ser representadas as “palavras com sentido” *trabalhando, trabalhar, trabalhei, trabalho*, entre outras.

Duas unidades básicas de análise utilizadas pelo software são descritas a seguir:

- **UCI - Unidades de Contexto Inicial:** são as divisões iniciais realizadas no texto. As UCIs correspondem a divisões primárias do *corpus*, realizadas pelos próprios pesquisadores. São identificadas no *corpus* pelas linhas com asterisco presentes no início de cada uma delas. Nas linhas estreladas são inseridas as variáveis, que identificam aquela UCI e que sejam importantes à análise dos dados. Essas variáveis são determinadas pelo pesquisador, de acordo com os dados coletados e interesse de pesquisa.
- **UCE - Unidades de Contexto Elementares:** são frases recortadas pelo programa ALCESTE de acordo com o tamanho do *corpus*, de sua pontuação e da ordem de aparição no texto (Menandro, 2004). A partir das UCes programa realiza a classificação do *corpus*.
- **Classe ou contexto lexical:** A cada classe corresponde um conjunto de UCes que são identificadas por um vocabulário específico e agrupadas de acordo com uma mesma temática. Dessa forma, cada classe apresenta uma temática específica. Para identificar a força da relação de uma UCes e de suas palavras em uma classe é calculado o qui-quadrado. De acordo com Cortez (2006) as classes do ALCESTE são construídas a partir da análise denominada Classificação Hierárquica Descendente (CHD). Após essa análise, o *software* organiza o conteúdo na forma

de dendrograma, indicando as classes, sua estrutura e a relação entre essas classes.

O *corpus* adequado a análise do ALCESTE deve constituir-se num conjunto textual centrado em um tema (Camargo, 2005). Isso implica uma análise inicial, pelo pesquisador, dos dados para preparação do material a ser submetido ao programa. Após o tratamento de dados, o ALCESTE gera um relatório contendo todas as informações sobre os procedimentos realizados, o que permite ao pesquisador iniciar a análise e interpretação do produto final gerado pelo programa. Dessa forma a análise do *software* é proveitosa quando ocorre associada à análise do pesquisador. O *software* fornece uma visualização da organização do discurso enquanto o pesquisador dá sentido ao produto gerado pelo programa.

Nessa pesquisa trabalhamos com dois *corpora*: um *corpus* formado pelas entrevistas masculinas e outro formado pelas entrevistas femininas. A escolha por trabalhar com dois *corpora* e não utilizar um único *corpus* com todas as respostas agrupadas ocorreu devido às particularidades evidenciadas no discurso de cada sexo, particularidades essas que não ficaram destacadas quando o material foi tratado conjuntamente.

5. RESULTADOS

A descrição dos resultados será desenvolvida de forma a apresentar primeiramente os dados recolhidos a partir da observação de campo efetuada. Na sequência serão apresentados a caracterização dos participantes e descritos os resultados da análise efetivada pelo ALCESTE primeiramente para o grupo de jovens do sexo masculino e depois para o grupo de

jovens do sexo feminino.

5.1 Registro de Campo

Iniciamos a coleta visitando o Ensaio da Escola de Samba Unidos da Piedade que funciona na região e envolve, em seus ensaios de percussão, jovens de ambos os bairros. No ensaio de percussão, por intermédio da coordenação, foram contatados jovens que se dispuseram a participar do estudo e, a partir de suas indicações, chegamos a outros espaços compartilhados por jovens das comunidades. Dessa forma ampliamos as alternativas para a busca de participantes e de conhecimento sobre atividades por eles realizadas e espaços de convivência por eles compartilhados. Identificamos dois grupos de capoeira (um no bairro da Fonte Grande e outro no bairro da Piedade), aulas de Tae Kwon Do e computação no Centro Comunitário da Piedade, um grupo de pagode composto apenas por jovens. Alguns locais no bairro também são de concentração de jovens e adolescentes: a quadra no bairro Piedade, por exemplo. E alguns locais têm concentração de jovens e adolescentes envolvidos com o tráfico de drogas, como no campo de futebol no bairro Fonte Grande.

Na visita a alguns espaços indicados pelos primeiros entrevistados, pode-se aos poucos compreender mais sobre essas duas comunidades. Fomos às aulas de capoeira, Tae-kan-do, dança de salão, ensaio da escola de samba e centro comunitário. As aulas de capoeira aconteciam em dois grupos separados, um em cada bairro. Concentramos o trabalho no grupo na Piedade, pois esse era formado exclusivamente por jovens, enquanto o da Fonte Grande era destinado ao público infante-juvenil. As aulas de capoeira destinadas aos jovens foram uma iniciativa de um jovem em promover um espaço de lazer e aprendizado para jovens e adolescentes. O grupo é pequeno, com seis a sete jovens por encontro, mas se reúne regularmente. Nos ensaios da escola de samba se reuniam alguns jovens, percussionistas, passistas e integrantes de outras alas da escola. Nas visitas à comunidade e posteriormente, nas entrevistas, ficou evidente os espaços que os jovens indicam como produtores e/ou difusores da cultura negra: capoeira, grupo de congo, grupo de pagode. Ao serem perguntados sobre a Escola de Samba ser uma expressão da cultura negra, os participantes afirmaram ser o samba, hoje, de todas as pessoas, não podendo ser afirmada como uma expressão da população negra. Essa afirmação contradiz o que Silva (2009) encontrou nas entrevistas com moradores mais velhos do bairro. Segundo o autor “a percepção da cultura do samba como expressão da negritude é uma das recorrências destas narrativas” (p.59).

Destaca-se o fato de que a capoeira e a escola de samba são resultado de ações

voluntárias, desenvolvidas por moradores. Nesses espaços encontramos jovens como participantes, mas também jovens como líderes, conduzindo o trabalho. Já nos espaços institucionais, organizados pela liderança comunitária em parceria com a Prefeitura Municipal a participação dos jovens do bairro é menor. Nas aulas de aulas de dança de salão encontramos moradores do bairro, mas não havia jovens, e nas aulas de Tae Kwon Do não encontramos jovens moradores do bairro. Sobre as aulas de Tae Kwon Do cabe destacar que havia apenas um jovem preto na turma, todos os outros alunos eram brancos.

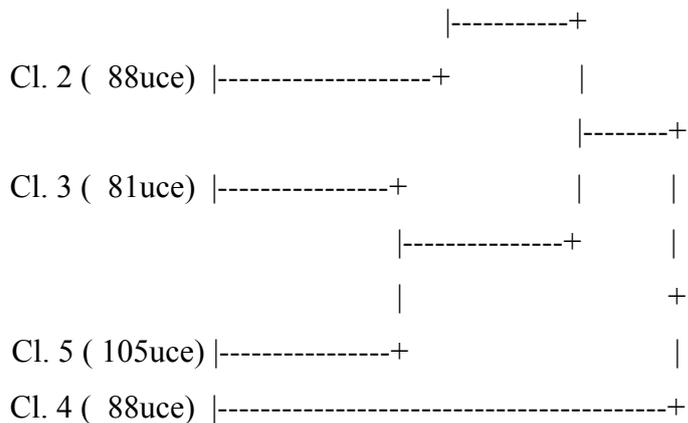
5.2 Descrição dos dados sexo masculino

5.2.1 Caracterização dos Participantes

Participaram desta pesquisa seis jovens do sexo masculino, moradores dos Bairros da Fonte Grande ou Piedade. Os três primeiros participantes (H1, H2 e H3) foram indicados por uma liderança comunitária atuante na Escola de Samba. A partir destes jovens, identificamos locais de convivência juvenil e outros possíveis participantes. Dos seis jovens que participaram desta pesquisa, quatro estavam diretamente ligados a algum espaço de promoção de cultura afro-brasileira: três eram integrantes da Escola de Samba (H1, H2 e H3) e um era instrutor de capoeira e liderava um projeto de capoeira na comunidade (H4). Os outros dois participantes estavam ligados de alguma forma aos espaços de convivência e produção cultural da região e exerciam papel de liderança nesses espaços. Um desses participantes (H5) participava do desfile da Escola de Samba e de torneios de futebol na região e o último participante (H6) morava há pouco tempo no bairro e estava trabalhando na confecção de fantasias para a Escola de Samba, mantendo com a mesma apenas vínculo de prestação de serviço. Segue abaixo o Quadro 1 que detalha as condições sociodemográficas de cada um desses participantes.

Tabela1 – Caracterização dos Participantes

	H1	H2	H3	H4	H5	H6
Idade	19 anos	23 anos	19 anos	26 anos	20 anos	19 anos
Natural	Vitória	Vitória	Vitória	Afonso	Vitória	São Mateus



Na primeira divisão do *corpus* analisado foram formados dois eixos discursivos. O primeiro deles compreende 83,55% dos dados analisados e é composto pelas classes 1, 2, 3 e 5 e corresponde aos conteúdos sobre o cotidiano destes jovens. Esse conjunto foi denominado O MORRO É MEU SOLO. No segundo eixo, formado pela classe 4 que corresponde a 16,45% dos dados analisados, encontramos os aspectos ligados à vida religiosa e à espiritualidade, sendo denominado O MORRO É MEU CÉU.

Cada classe definida pela análise do ALCESTE recebeu um título definido em função do vocabulário presente nas Unidades de Contexto Elementar (UCEs). Podemos perceber que os jovens participantes abordam cinco temas: *Participação comunitária* (classe 1), *Ser jovem negro* (classe 2), *Planos para o futuro* (classe 3), *Dificuldades* (classe 5) e *Religiosidade* (classe 4).

A partir das Unidades de Contexto Elementar (UCEs) de cada classe foi possível identificar o contexto dentro do qual as palavras foram utilizadas, ou seja, as falas originais dos entrevistados. A seguir, apresentamos uma descrição de cada uma das classes.

Eixo 1- O MORRO É MEU SOLO. Classe 1: *Participação comunitária*

Apresentamos abaixo um quadro contendo as palavras características da classe 1. São palavras que pela análise efetivada apresentam um alto valor de ligação com a classe indicado pelo cálculo do qui-quadrado.

Tabela 2 – Palavras características do Eixo 1- O MORRO É MEU SOLO. Classe 1: *Participação comunitária*

Palavra	X ₂	%	Palavra	X ₂	%
comunitário	39,53	95,24	Prefeitura	19,15	100

peçoal	31,83	52,27	movimento	18,04	81,25
festa	28,43	93,75	fonte	17,61	90,91
iedade	26,35	74,19	resultado	16,99	100
Morador(es)	26,24	93,33	rua	16,02	80

A classe 1 concentra 32,52% dos dados analisados. Nela estão reunidos conteúdos sobre a mobilização política e comunitária. Estão presentes os questionamentos dos jovens sobre o espaço dos bairros, a infra-estrutura de cada um deles, bem como a relação que os jovens fazem entre o líder comunitário e o movimento comunitário do bairro. Essa ação/participação comunitária é comparada com a participação na Escola de Samba. Os moradores se envolvem com a Escola de Samba, mas não se mobilizam para garantir melhorias no bairro.

Nos últimos carnavais a gente não tava legal e a escola, o pessoal não abandonou. E aquela coisa que ela perguntou, será que-se o movimento comunitário apresentasse resultados gradativos, mostrasse serviço mesmo, pessoal não chegava mais junto?

O trecho apresentado acima é parte de relato que compara a atuação na comunidade com a participação na Escola de Samba. O jovem afirma que mesmo com a escola de Samba estando mal colocada nos desfiles dos últimos anos, a mobilização dos moradores do bairro para recuperá-la aconteceu, o envolvimento com a escola de samba não deixou de existir.

Os jovens reclamam da falta de participação no movimento comunitário, mas justificam esta desmobilização pela atuação da liderança comunitária. Em comparação com outros períodos, em que acontecia maior participação dos moradores, os jovens afirmam que a liderança comunitária é ruim, pois os moradores são os mesmos. Os participantes afirmam que quando insatisfeitos com a atuação da liderança comunitária, os moradores participam intensamente da eleição para mudar a administração.

Ao lembrar como era a ação do movimento comunitário, os jovens ressaltam que a comunidade tinha mais dificuldades de infra-estrutura e espaço e mesmo assim ali havia mobilização.

O próprio movimento comunitário que fazia. A própria gincana. gincana, entendeu. Tinha esse tipo de coisa que não ha hoje. Hoje pra se ter alguma coisa e um sacrificio danado. espera um bom, bom, bom tempo. O nosso único ponto de integração, de fazer festa ali na esquina hoje em dia virou um canteiro de o pessoal bater material de construção ali, a quadra

Eles a participação nas festas, competições, que eram promovidas pelo líder

comunitário. Para os participantes, nesses momentos de integração os problemas do bairro eram expostos, as pessoas que estavam ali já os discutiam. Sem as festas perdeu-se esse espaço de movimentação. Nas festas comunitária também acontecia a distribuição de brindes e cestas básicas. Os participantes acreditam que esses benefícios recebidos nesses eventos são indicadores de uma boa relação do movimento comunitário com o poder público. Atualmente, os jovens consideram que o poder público não busca identificar as demandas dos moradores, pois na comunidade existe apenas alguns cursos de qualificação promovidos pela prefeitura, que são tidos como insuficientes, pouco divulgados e que não atendem as demandas dos bairros, conforme ilustra o trecho abaixo:

Eles não fazem uma pesquisa aqui encima. Vem e fica na quadra ali, fica na quadra e pergunta: o-que que você gostaria de fazer?

Sobre como é viver nesses bairros, os jovens afirmam que não deixariam o local, mas confessam que aqui não é um lugar bom de morar. Eles gostam da forma que são acolhidos e identificados por todos, são conhecidos. Mas não recomendariam o bairro para outros morarem. Um participante argumenta que teria vergonha de levar a namorada para a casa dele, não pela casa que sempre está em ordem, mas pelo percurso até ela que é desorganizado e sujo. Mesmo assim, o bairro é descrito como um refúgio, um lugar onde eles podem se expressar livremente.

Eixo 1- O MORRO É MEU SOLO. Classe 2: *Ser jovem Negro*

A classe 2 apresenta 16,45% do *corpus* analisado. Concentra conteúdos sobre o que os participantes pensam que é ser jovem e ser jovem negro. Algumas palavras destacam-se devido ao alto valor de ligação com a classe indicado pelo cálculo do qui-quadrado, sendo elas: negro, negra e diferença. Destacamos também nessa classe as palavras que apresentam 100% de frequência, ou seja, são exclusivas dela. Essas palavras possuem grande relevância no contexto lexical proposto pelo Alceste por combinarem alta frequência e alto valor do qui-quadrado. São elas: negra, cinema, branco, teatro e ativo. Esse contexto apresenta as definições do que é ser jovem, ser jovem negro e as diferenças encontradas ou não pelos participantes entre ser jovem negro e ser jovem branco.

Tabela 3 - Palavras características do Eixo 1- O MORRO É MEU SOLO: Classe 2: *Ser jovem Negro*

Palavra	X ₂	%	Palavra	X ₂	%
---------	----------------	---	---------	----------------	---

negro	76,44	89,47	branco	20,47	100
negra	62,35	100	consciencia	20,26	75
diferença	45,31	90,91	relação	20,26	75
cinema	30,82	100	influencia	19,75	83,33
jovem	29,42	41,38	teatro	15,32	100
politica	25,88	72,73	ativo	15,32	100

A maioria dos participantes afirma existir uma diferença entre ser jovem negro e outros jovens. O jovem negro tem a responsabilidade de mostrar compromisso com sua negritude, deve ter consciência e atenção ao que envolve ser negro. Afirmam que as discussões envolvendo ser negro necessitam de um apoio e participação maior dos jovens. Três exemplos abaixo ilustram esse conteúdo:

juventude negra. Uma palavra desconhecida pra muitos, já não desconhecida, eu acho que ainda não tem importância ainda pro jovem negro o-que-e juventude negra, o-que-e ser, eu acho que o jovem, não sei se e daqui do bairro ou se tem no seu modo geral,

porque eu acho que o jovem negro deve ter o mínimo de consciência que tem que ter pontos, e, a ser discutidos em relação a negros precisa de um apoio maior, principalmente do jovem.

eu acho que a gente não tem essa consciência negra, a gente, todo mundo, a gente não tem essa consciência de-que temos que fazer a diferença também em relação ao negro.

Para os participantes ser jovem negro está relacionado a uma atuação diferenciada, uma atuação que ponha em destaque esta negritude, afirmando-a. Essa atuação vem pela participação política e comunitária. Os jovens salientam pouca participação dos jovens nos espaços governamentais em que as políticas públicas para juventude são implantadas e discutidas. Embora no bairro não existam, de acordo com os participantes, instituições com políticas publicas voltadas a juventude, eles evidenciam a existência desses espaços no município, e destacam a pouca participação dos jovens.

Eixo 1- O MORRO É MEU SOLO. Classe 3: Planos para o futuro

A classe 3 apresenta 15,14% das UCEs analisadas pelo Alceste. Seu conteúdo envolve os planos para o futuro, a preocupação e as dificuldades encontradas para concretizá-los. O

quadro abaixo contém as palavras consideradas mais representativas da classe devido ao valor de seu qui-quadrado na classe. Destacamos também no Quadro 4 algumas palavras que apresentaram 100% de frequência na classe.

Tabela 4 - Palavras características do Eixo 1- O MORRO É MEU SOLO. Classe 3: *Planos para o futuro*

Palavra	X ₂	%	Palavra	X ₂	%
sair	38,25	55,17	vou	28,88	41,87
lider_comunitario	34,01	100	aluno	27,5	85,71
sozinho	34,01	100	eu	22,02	21,88
faculdade	33,1	87,5	comigo	20,56	63,64
treinar	33,1	87,5	amigo	19,53	52,94
tenho	33,07	47,37	certeza	16,53	80

O planos para o futuro comum aos participantes é cursar uma faculdade.

quero fazer faculdade. Trabalhar em comercio, assim, quem trabalha em comercio tem que ficar lá ate mais tarde. Tem que ter tudo programado, certinho, ai eu tenho que ter cabeça fria, comercio puxa muito.

entre os amigos sempre fica mais fácil, mas quando é publico assim diferente, não consigo chegar. Mas quem sabe um dia. penso em ser jornalista esportivo. gosto muito de futebol. falar de futebol comigo e fácil. O cara vem conversar comigo sobre futebol.

Outro plano presente nas falas dos jovens participantes é desenvolver projetos sociais no bairro. Um dos jovens entrevistados tem como plano de futuro trabalhar na comunidade com capoeira, mas considera que desenvolver um trabalho na comunidade requer enfrentar alguns desafios como a comunicação com o líder comunitário, conforme fica claro no que é exposto a seguir.

A gente estava no meio do treino ele (líder comunitário) ia lá e metia o dedo no interruptor. fechava e ia embora. Aquilo gerou uma confusãozinha. Um problema com ele. A gente parou o trabalho. O trabalho ficou parado uns dois anos. Por causa do próprio lider_comunitario.

O lider_comunitario não me avisou. Ele não falou comigo: vou botar um cadeado no portão,

quando você for lá, vai lá em casa pegar a chave. Ele não me avisou nada. Para ele tanto faz. Se eu for lá ficar esperando na porta ou se eu não for. Para ele é indiferente.

Dos planos para o futuro fazem parte: ter um bom emprego, sair da casa dos pais indo morar sozinho ou constituindo uma família. Está presente também um compromisso com o bairro em que moram, pois, para eles não adianta eles estarem se desenvolvendo e o bairro estar maltratado. Como os jovens desejam permanecer no bairro, querem sua mudança. Seguem mais exemplos:

Porque #querendo ou não o bairro e sua #casa também. Minha #casa não #fica desarrumada, mas #po, de-que que #adianta, eu ter minha #casa arrumada se quando eu trago um colega, um #namorado, um amigo, um parente, que não vem aqui há anos, pra chegar na minha casa organizada ele vai passar pelo bairro.

Vamos fazer isso? Vamos fazer. Vamos montar um projeto para a gente botar oficina para as crianças da comunidade. Eu gosto de estar disponível. Não gosto de, quando o projeto tiver andando você combinar comigo de ter que ir lá embaixo, ter que resolver um problema, eu falar não.

Embora a maioria descreva planos para o futuro, alguns dos participantes afirmam não terem planos pois preferem não planejar o futuro.

Eu nem #penso #nessas coisas. O cara #fala, #conversando com #os amigos_intimos, das dificuldades que tem. Mas eu não #vejo. não paro para #pensar #nessas coisas. eu #vou #vivendo do jeito que eu #quero. #falando besteira, rindo, #contando piada. Eu não #gosto de #pensar #nessas coisas. eu não me sinto bem #pensando #nessas coisas.

Eixo 1- O MORRO É MEU SOLO. Classe 5: *Dificuldades*

A classe 5 representa 19,63% das UCEs analisadas pelo *software* e trata das dificuldades encontradas em ser jovem. Abaixo apresentamos o quadro com as palavras mais significativas dessa classe.

Tabela 5 - Palavras características do Eixo 1- O MORRO É MEU SOLO. Classe 5: *Dificuldades*

Palavra	X ₂	%	Palavra	X ₂	%
vida	52.11	80.95	Estudar	22.89	53.33
trabalho	52,08	35,22	aprender	21.47	60.00

hoje_em_dia	32.06	5.00	considero	16.50	100.00
emprego	31.99	90.00	Atenção	16.50	100.00
adolescente	29.73	68.42	ocupação	16.50	100
oportunidade	23.55	80.00	complicado	15.79	75.00

O conteúdo presente nesse contexto diz respeito ao cotidiano do jovem: vida, trabalho, emprego, oportunidades, estudar, aprender. O homem adulto, mesmo jovem, é reconhecido e valorizado por seu trabalho. Para eles as dificuldades em ter um emprego acabam sendo um facilitador para envolver-se com a criminalidade e o tráfico. Abaixo, reproduzimos alguns relatos sobre esse tema:

E hoje em #dia esta #difícil. Até pra você #trabalhar na rua tem que ter segundo grau completo ou ate mais. Tem pessoas que não tem, #as #vezes não porque #quiseram, mas porque não tiveram #oportunidade alguma.

#gracias_a_deus eu não #estudei, #podia ter #estudado mais, eu vou #estudar mais. Mas eu consegui #arrumar um #emprego que me #deu alguma #coisa. Que me #fez #aprender alguma #coisa. Até para eu ter uma forma de estar #procurando mais ensinamentos, mais #escolhas. Acho que o principal da juventude, um jovem so e completo quando tem uma #boa #estrutura, um #trabalho.

No #momento que ele #poderia estar #trabalhando, está #fazendo outras #coisas porque não tem #emprego ou uma #coisa pra ele estar #fazendo. Ou porque #as #vezes a #dificuldade e #maior, ele está #procurando outro tipo de #coisa para #fazer. Por causa da #dificuldade que ele tem de estar #trabalhando.

Esses jovens afirmam que tiveram oportunidades e que souberam usa- as. Essas oportunidades ocorreram principalmente na adolescência. Consideram que essa escolha é importante e que os adolescentes de hoje vivem mais dificuldades do que eles mesmos viveram, principalmente no que se refere ao envolvimento com o tráfico:

No caso eu #considero que aquela #oportunidade que ele me #deu foi o-que me salvou. Me #tirou #as #vezes dum #coisa que eu #poderia estar #fazendo de errado hoje, e fácil, o errado e fácil, o #difícil é o certo, o #difícil é #fazer o certo,

Hoje em #dia o #adolescente, ele mesmo, ele já ta, antes-de ser #adolescente, já #escolheu um #caminho já que não é bom, entendeu? Tá muito #difícil, muito #complicado, na minha

#época era melhor; era bem-melhor na minha #época do que e hoje.

#as pessoas que são da minha faixa_etaria naquela #época era assim. Da minha #adolescência tem pessoas no mundo_das_drogas, claro que tem. Mas #veio a se #definir depois, #veio se #definir mais tarde. Depois, primeiro #viveu o-que tinha que #viver. E a #maioria não.

A violência e o envolvimento com o tráfico e/ou consumo de drogas são algumas das dificuldades apontadas pelos entrevistados para os jovens na atualidade. Demonstram preocupação com o envolvimento dos adolescentes com a violência e as drogas. Para os participantes, em sua adolescência a violência existia, mas não envolvia diretamente os adolescentes, era possível viver essa fase da vida de forma relativamente tranquila se comparando com o que se vive no presente.

Ainda se referindo aos jovens de forma geral, afirmam que a necessidade de ter uma renda associada à valorização do trabalho acaba levando esses jovens a se dedicarem apenas ao que possa gerar retorno financeiro.

E, então ninguém quer #fazer uma #coisa que não vai #dar um retorno, só vai ser por #lazer; hoje #as pessoas estão #procurando isso. Se #as pessoas tem um, tipo assim, um #trabalho, alguma #coisa, um #dinheiro no #final do #mês, e então ela ate vai #fazer isso como forma de #lazer.

A perda de pessoas significativas, de amigos é uma das dificuldades apontadas por esses jovens. Essas perdas envolvem parentes queridos, que eram exemplo para eles e com os quais se identificavam, de amigos de infância que morreram envolvidos no tráfico de drogas ou em outros crimes e a perda de amigos que estão vivos, mas que estão envolvidos na criminalidade.

Eixo 2- O MORRO É MEU CÉU. Classe 4 - *Religiosidade*

A classe 4 representa 16.45 % das UCEs analisadas pelo *software* e seu conteúdo trata das práticas religiosas dos jovens, da relação dessas práticas com o bairro, com a família e com algumas manifestações culturais da comunidade. Abaixo apresentamos o quadro que contém as palavras mais significativas dessa classe.

Tabela 6 - Palavras características do Eixo 2- O MORRO É MEU CÉU. Classe 4 - *Religiosidade*

Palavra	X ₂	%	Palavra	X ₂	%
em_cima	122.08	100	todo_mundo	50.19	85.71
fonte_grande	97.76	85.19	evangélico	41.25	100
toc+	66.38	93,33	aprendi	41.25	100
escola_de_sa mba	65.82	84,21	respeito	36.03	100
congo	62.35	100	ensino	34.95	88,89
católico	51.76	100	roubo	30.82	100

Destacamos que algumas palavras são exclusivas desta classe (100%). Essas palavras são: em_cima (refere-se aos morros onde se localizam as duas comunidades), congo, católico, evangélico, aprendi, roubo, respeito, e música. Esse conjunto de palavras descreve o universo religioso, e o do samba, a musicalidade presente nestes espaços, o respeito solicitado pelos jovens principalmente entre os grupos religiosos, pois existe muita crítica e rivalidade entre eles, o aprendizado proveniente do contato com a música e com os espaços religiosos e a criminalidade presente no bairro. As demais palavras presentes no quadro acima complementam a situação descrita.

O contato com a música de percussão e com as festas religiosas católicas aconteceu para muitos jovens no início da infância nas aulas de escolinha de congo mirim que funcionava na comunidade. Apresentamos a seguir, trechos selecionados na análise do ALCESTE como significativos dessa classe:

#cultura, samba, #congo, nossa, sem palavras. #aprendi #muita coisa lá #em_cima. Coisa boa #aprendi, muitos amigos novos. Aquela #região ali, aquela #região ali #fonte_grande, nasci em #fonte_grande, mas na #região ali, #total ali, #aprendi #muita coisa.

#mexer, aprender #musica. Eu #comecei no #congo com #cinco_anos. Minha #mãe #começou a ficar preocupada: v. sumiu. Ficava preocupada. Quando ia ver, eu estava no #meio do #congo. #todo_mundo #tocando lá. Estava #todo_mundo lá. Minha #mãe #vinha, chegava lá. Eu estava lá, #tocando.

minha #mae chegava em_casa, eu levava uma surra. porque tinha que #avisar. nao tinha #avisado, a #mae ficava muito preocupada. desde #pequeno, desde #cinco_anos. depois #comecei a me #envolver na #escola_de_samba. ai foi embora. desde uns #quinze_anos estou

na #escola_de_samba.

Como descrevem os participantes, foi na infância e também na adolescência que acontecem os primeiros contatos deles com os eventos culturais no bairro: as aulas de congo, as festas nas quais as bandas de congo se apresentam (Festa de São Benedito) e a Escola de Samba. A participação de jovens na organização da festa, na manutenção desta tradição está ligada a devoção religiosa e à participação da família. Segundo os participantes, a festa Católica destinada a São Benedito não é bem aceita por todos os moradores. Há uma rixa entre os evangélicos, que não concordam com as festividades para santos, e os católicos. Para os participantes há um desrespeito dos evangélicos para com os católicos, como fica claro na fala a seguir.

Meus #tios também gostam, minhas tias, todo mundo gosta. Praticamente a #família, #todo_mundo se une pra fazer um #negocio legal. No bairro tem varias #igrejas. Eu sou #católico. Sou devoto. Ele #respeita a religião #evangélica, mas a #evangélica não #respeita a nossa #católica.

Segundo os jovens entrevistados a participação da família nas festas favorece a participação dos jovens. Através da família se aprende a participar da escola de samba e das festas do congo.

Acho que, com-certeza, passa sim, não tem como aquele menino lá #em_cima aprender a #cultura, aprende, #ensinar, uma passando pro outro, mas acho que passaram sim. São #parentes, #irmãos, tem #parentes #envolvido na #escola_de_samba. #envolvido e #família. No caso lá em casa a #família toda é envolvida na #escola_de_samba.

#divulgação da #escola_de_samba não é muito bonita. Não é muito grande. Pela boca do povo. #Escola_de_samba aqui, falou #todo_mundo está #sabendo. #todo_mundo gosta. Até corre #fácil as noticias da #escola_de_samba. Todo mundo la_embaixo sabe quando tem batucada, aqui #em_cima na #fonte_grande.

Diferentes religiões estão presentes no bairro, mas três são destacadas: católica, as chamadas evangélicas e a espírita. Os jovens destacam também a divisão que ocorre em algumas famílias devido às diferentes religiões que alguns membros têm.

Para os participantes nos espaço família-religião-comunidade os jovens aprendem valores, o que “devem” e o que “não devem” fazer. O trecho reproduzido abaixo deixa clara a importância dessa relação:

#todo_mundo_junto_e_fazendo_algo_para_#juntar_religiões, tal, pra chamar gente. #fonte_grande_pra_mim_é_tudo. #aprendi_#muita_coisa_lá_em-cima, nossa, #aprendi_muito. Sem palavras. #fonte_grande_pra_mim_é_tudo, #aprendi_#muita_coisa. Achando que era #errado, #aprendi_#cultura, samba.

Os entrevistados relatam que alguns jovens que participavam ativamente das aulas de congo, da escola de samba, dos espaços culturais da comunidade estão envolvidos atualmente no tráfico de drogas. A seguir, duas falas de jovens sobre o que expusemos:

Deixa eu ver, uns cinco estão #envolvidos lá #em_cima com #negocio de drogas. Que #tocava na escola e #saiu da #cultura, da comunidade, do #congo, #cultura mesmo. Estão nesse #negócio aí. Tem muito, aí tem #muita gente talentosa no bairro, tem muitos escondidos. Tem muito, lá no bairro tem muito.

#escola_de_samba_e_mais_#fácil. Não faz muito movimento. Os #meninos daqui de_cima da #fonte_grande nao quer de saber de nada. Querem saber de vadiagem, dessa #guerra TRAFICO que tem #em_cima na #fonte_grande. Esse #negócio de #cultura, com eles, passa_longe.

5.3 Descrição dos dados sexo feminino

5.3.1 Caracterização das Participantes

Participaram desta pesquisa seis jovens moradoras dos bairros de Fonte Grande ou Piedade. O contato com essas jovens foi mais difícil que com os rapazes. Poucas frequentavam os espaços de convivência, e nem todas que o faziam aceitaram tomar parte da pesquisa. Os locais de convivência onde foi possível contatar as jovens foram os mesmos nos quais os rapazes foram identificados. Das seis participantes, três participavam da escola de samba (M1, M2 e M3), sendo que duas dessas (M1 e M2) também faziam parte de um grupo de capoeira. Três entrevistadas não atuavam diretamente nos espaços de produção cultural, mas estavam ligadas a esses de alguma forma. Essas três participantes são jovens que residem há menos de cinco anos no bairro. Duas entrevistadas são apreciadoras da Escola de Samba (M4 e M5) e uma mantém vínculo de prestação de serviço com a escola (M6). Segue abaixo quadro que detalha as características de cada uma das participantes.

Tabela 7 – Caracterização das Participantes

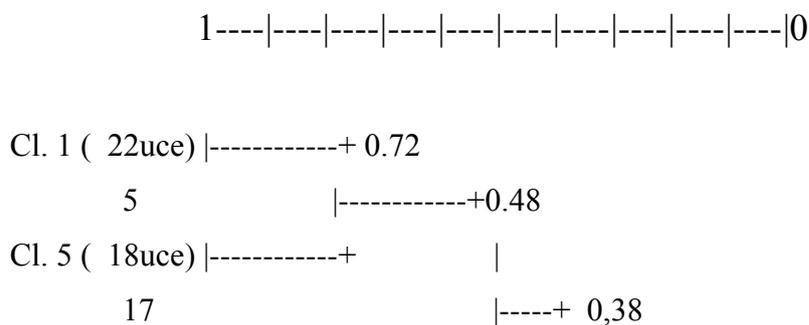
	M1	M2	M3	M4	M5	M6
Idade	23 anos	24 anos	28 anos	28 anos	24 anos	19 anos
Natural	Vitória	Vitória	Vitória	São Mateus	São Mateus	São Mateus
Bairro	Piedade	Piedade	F. Grande	F. Grande	F. Grande	F. Grande
Tempo	23 anos	24 anos	28 anos	04 anos	02 anos	03 anos
Mora com	Esposo	Esposo	Esposo e filhos	Irmã	Irmã	Esposo e filhos
Est. Civil	Casada	Casada	Casada	Solteira	Solteira	Casada
Escolaridade	Segundo Grau Completo	Primeiro Grau Completo				
Cor	Preta	Preta	Parda	Preta	Preta	Parda
Trabalho	Empregada Formal	Empregada Informal				

5.3.2 Apresentação dos dados sexo feminino- Classificação Hierárquica Descendente (CHD)

Na análise do material referente ao grupo feminino de participantes, o programa ALCESTE detectou 166 UCEs, analisando 140 delas num total de 84.34 % do *corpus*. Após a análise do *corpus*, o programa Alceste gerou relatório que mostra dois eixos bem definidos a partir da Análise Hierárquica Descendente.

A Figura 2 abaixo apresenta o Dendrograma do *corpus* feminino, apresentando as classes de palavras e a ligação entre as mesmas. A linha horizontal, que une duas classes, representa a relação entre elas. A aproximação desta linha do valor 1,0 da régua, que está na parte superior do Dendrograma, indica maior relação entre as classes.

Figura 2 - Dendrograma das classes do *corpus* feminino.



Cl. 3 (35uce)	-----+	
18	-----+	
Cl. 6 (12uce)	-----+	0,02
19	+	
Cl. 2 (35uce)	-----+ 0,62	
16	-----+	
Cl. 4 (18uce)	-----+	

Na primeira divisão do *corpus* analisado foram formados dois eixos. O primeiro deles compreende 62,14% dos dados analisados e corresponde às classes 1, 5, 3 e 6 que tratam do que as participantes pensam sobre juventude e as dificuldades enfrentadas por esta. Esse conjunto foi denominado JUVENTUDE E DIFICULDADES. O segundo eixo, formado pelas classes 2 e 4, corresponde a 37,86% dos dados analisados e relaciona-se aos aspectos positivos da comunidade, à produção cultural e à participação da juventude. Denominamos o segundo eixo RESISTÊNCIA.

Cada classe definida pela análise do ALCESTE recebeu um título em função do vocabulário selecionado pelo programa a partir dos cálculos realizados. Percebemos que as jovens participantes abordam os temas: *Negritude: dificuldade e preconceito* (Classe 06), *Comunidade carente* (Classe 03), *Desvantagens femininas* (classe 01), *Violência* (Classe 05), *Exaltação da comunidade* (Classe 02) e *Cultura e participação comunitária* (Classe 04).

A partir das Unidades de Contexto Elementar (UCEs) de cada classe foi possível identificar o contexto dentro do qual as palavras foram utilizadas, ou seja, as falas originais das entrevistadas. A seguir, apresentamos uma descrição de cada uma das classes. A apresentação das classes segue as divisões estabelecidas pelo *software* para assim poder melhor evidenciar a relação entre elas. Iniciaremos pelo eixo JUVENTUDE E DIFICULDADES em sua primeira divisão que forma as classes 6 e as classes 3, 1 e 5.

Eixo 1 – JUVENTUDE E DIFICULDADES. Classe 6: *Negritude: dificuldade e preconceito*

Na classe 6 encontramos 8,57% dos dados analisados. Essa classe concentra o conjunto discursivo das entrevistadas sobre o que é ser jovem e ser jovem negro. Nela também encontramos as dificuldades enfrentadas pelos jovens negros em conseguir emprego, estudar, entrar no mercado de trabalho e na faculdade. Apresentamos abaixo um quadro contendo as palavras características da classe 6. São palavras que pela análise efetivada

apresentam um alto valor de ligação com a classe indicado pelo cálculo do qui-quadrado.

Tabela 8 - Palavras características do Eixo 1 – JUVENTUDE E DIFICULDADES. Classe 6:
Negritude: dificuldade e preconceito

Palavra	X ₂	%	Palavra	X ₂	%
emprego	51,85	70	jovem	20,08	30,77
conseguir	41,42	66,67	faculdade	13,2	66,67
negro	37,15	71,43	sofrimento	13,2	66,67
preconceito	37,15	71,43	entrar	13,2	66,67
dificuldade	27,09	55,56	juventude	11,77	36,36
estudo	20,72	45,45			

Ser jovem e ser jovem negro são coisas diferentes para estas participantes. O jovem negro enfrenta o preconceito por ser jovem e por ser negro, uma das consequências é a dificuldade em entrar no mercado de trabalho. As jovens entrevistadas referem-se também aos constrangimentos a que jovens negros são submetidos por causa de sua cor – fruto do preconceito. Alguns exemplos são reproduzidos abaixo:

Se #sai de-noite, não #pode #sair em paz, #passa por vergonha que a #polícia para, revista como-se #fosse marginal. Pra #polícia é o primeiro culpado. Eu falo do #preconceito porque eu já sofri no meu #emprego. #uma #chefe que tinha lá, tive #uma #oportunidade de ter um cargo comissionado de coordenação e iam me indicar, mas a #chefe não #deixou.

Isso é ser #jovem. #juventude é mais que #uma idade. Ser #jovem #negro tem as mesmas coisas que ser #jovem, mas tudo é um pouco mais #difícil.

As participantes afirmam que os jovens devem aproveitar sua juventude e as oportunidades que ela pode oferecer. É o momento de estudar e dessa forma poder buscar uma melhoria econômica para sua família. Além disso, afirmam que a juventude é um momento de liberdade, de diversão, mas com responsabilidade, sabendo fazer escolhas que irão beneficiar no futuro a ele e a sua família.

E importante os jovens trabalharem, mas também não #podem parar de #estudar. Tem que-se formar, buscar #uma #faculdade. Um bom #emprego também #pode depender #disso. #tenho como projeto #estudar, fazer a #faculdade e #conseguir um #emprego na #área que eu #estudar. Ser #jovem e ter espírito de #jovem, e ter atitude, e ser ativo, não se acomodar, não ficar parado.

Eixo 1 – JUVENTUDE E DIFICULDADES. Classe 3: *Comunidade carente*

Como parte do primeiro eixo encontra-se também a classe 3 – *Comunidade carente*, que representa 25% do conteúdo analisado e reflete a preocupação das participantes com a falta de oportunidades de cursos profissionalizantes e de lazer destinados aos moradores dos bairros em que vivem. Na tabela abaixo estão contidas as palavras que mais caracterizam esse contexto discursivo de acordo com os cálculos realizados pelo ALCESTE. Algumas palavras podem ser destacadas por serem exclusivas desta classe apresentando 100% de frequência. São elas: curso, procura, único, colocar, informática, costura e velha.

Tabela 9 - Palavras características do Eixo 1 – JUVENTUDE E DIFICULDADES. Classe 3: *Comunidade carente*

Palavra	X ₂	%	Palavra	X ₂	%
curso	35,81	100	termina	14,49	85,71
espaço	31,11	91,67	colocar	12,35	100
projeto	27,66	90,91	informatica	12,35	100
fazendo	14,49	85,71	velha	12,35	100
prefeitura	14,49	85,71	poder	11,38	83,33

Uma problemática identificada pelas participantes é a escassez de atividades no bairro. A preocupação maior das jovens é com os destinados às crianças, mas também destinados as outras faixas etárias. Ficar parte do dia sem atividades supervisionadas é visto como algo negativo e perigoso. As crianças ficariam pelas ruas do bairro, enquanto suas mães estão trabalhando e as ruas estão cada vez mais perigosas. A falta atividades para os jovens é vista como uma dificuldade e um ponto negativo do bairro.

que a #criança, a-tarde, não tá #fazendo nada, estudam de-manha, ficam a-tarde toda brincando. Então se conseguir um #projeto, um #curso de #informática, de biscuit, #costura, tem #muita gente que #procura #costura, seria o-melhor pra estar, #né? Indicando, pra tá #fazendo esse #projeto.

A queixa das participantes é que existem espaços na comunidade que podem ser aproveitados para disponibilizar cursos de formação, mas não são utilizados, conforme ilustra a fala reproduzida abaixo.

Então, por enquanto, e só aquele #curso, mas eles #fazem todos, e mais #curso do que aqui, aqui não tem nenhum, então o #espaço fica ali, #né? Ninguém usa, ta lá largado.

Para as participantes os projetos sociais são necessários na comunidade, mas devem ser ampliados assim é possível atender mais crianças, adolescentes e jovens. Mas destacam que o interesse em participar é dos jovens que não estão envolvidos com a criminalidade, com o tráfico de drogas. Além de esportes outras possibilidades de atividades são mencionadas, principalmente cursos tanto para lazer quanto para uma formação para o mercado de trabalho. A necessidade de um levantamento sobre o que os jovens desejam fazer é apontada como importante para a escolha dos cursos. Mas consideram que as atividades não devem ser destinadas apenas aos jovens e sim para todas as idades, atendendo a todos os moradores do bairro. Para as participantes a entrada no mercado de trabalho e a continuidade pode ocorrer devido a esses cursos e a continuidade dos estudos.

positivo foi tudo que eu consegui #terminar, #né? Corri atrás-de #cursos gratuitos, #pela #prefeitura, pra #poder ta #fazendo, #aprender mais.

tendo mais aprendizado eu consegui meu serviço, que tem gente que está esperando a pessoa #procurar alguma #coisa. Eu #acho que pra mim eu #acho que foi o meu trabalho, #ne? Estudo e o trabalho. #vai #fazer dez #anos agora, em março. Dez #anos agora, primeiro, primeiro trabalho, meu #único emprego, eu fique assim em experiência um mês e fiquei ate hoje, sou a mais #velha.

O apoio do poder público aos projetos que já acontecem no bairro por iniciativa dos moradores é destacado de forma positiva pelas jovens, conforme mostra o exemplo que se segue:

aqui tem a #capoeira, lá na fonte_Grande também tem a #capoeira, mas é pra #criança. A de lá conseguiu apoio da #prefeitura de vitória no #projeto da escola aberta. O professor recebe pra dar #aula. Aqui não, o M #faz porque #gosta, porque ama a #capoeira.

Oportunidade em atividades culturais e esportivas atinge todos os moradores, mas as participantes salientam a falta de atividades destinadas as meninas e as adolescentes dos bairros. Para elas, as atividades disponíveis para crianças e jovens - futebol e

capoeira - não atendem ao sexo feminino. As oportunidades só aparecem nos anos de eleição, em que várias promessas de atividades para a comunidade são feitas.

mas ai não tem nada, só tem futebol. Então as meninas não podem #fazer nada, #ne? Tá #faltando mais, mais #projetos, pra gente da comunidade que está #procurando correr atrás, eu #acho que só em época de eleição que elas #começam a aparecer.

Eixo 1 – JUVENTUDE E DIFICULDADES. Classe 1: *Desvantagens femininas*.

A Classe 1 contém 15,71% do conteúdo analisado pelo programa ALCESTE. Apresenta O conjunto discursivo das jovens principalmente sobre as dificuldades geradas pelas poucas oportunidades de lazer para as crianças e para as adolescentes do sexo feminino.

No quadro abaixo é detalhado o vocabulário da classe em termos de seu valor de ligação (qui-quadrado) e seu percentual de presença. Como se poderá observar há um conjunto relativamente pequeno de palavras indicadas como importantes na análise. Para a interpretação deste contexto foi necessário recorrer de forma mais detalhada e recorrente aos contextos selecionados pelo programa e apresentados no relatório.

Tabela 10 - Palavras características do Eixo 1 – JUVENTUDE E DIFICULDADES. Classe 1: *Desvantagens femininas*

Palavra	X ₂	%	Palavra	X ₂	%
agora	37,5	10,38	treino	12,29	66,67
ficar	31,71	45,71	arma	10,93	75
Participação	16,86	80	conversa	10,93	75

Nesse contexto são enfocadas as dificuldades de participação das jovens nas atividades no bairro, seja pela responsabilidade com a casa e com os filhos, seja pela inexistência de outras mulheres que possam fazer companhia nessas atividades. Conteúdos sobre violência também estão presentes nesta classe. As jovens afirmam suas preocupações com a

permanência de crianças, adolescentes e jovens na rua, pela possibilidade de se tornarem vítimas dos tiroteios ou se envolverem com o tráfico de drogas. As palavras com alta frequência e qui-quadrado revelam essas preocupações das participantes: armas, que estão mais visíveis; participação devido à dificuldade de atuação das mulheres; dificuldades descritas em treinar ou estar nos treinos esportivos; as modificações existentes no bairro que impossibilitam as conversas na rua e a afirmação que estas questões são atuais, estão ligadas ao agora.

As atividades no bairro destinadas às mulheres são limitadas. Quando crianças, as meninas brincam nas quadras, que são considerados espaços masculinos. Mas quando adolescentes e jovens elas acabam por ter seus locais de recreação limitados. Não há projetos destinados às mulheres, às jovens e nem às meninas. As quadras de esporte são de futebol e ocupadas pelos rapazes ou pelo tráfico.

porque a #quadra é fechada, então elas tem que #ficar na sombra, olhando. Mas pras crianças, as menores, eles #vão, brincam de qualquer coisa, #menino, #menina. Agora, assim, #pros mais jovens, pras #meninas, essa #questão, acho que não tem nada. E naquele que começou agora na piedade são adultos.

em #questão de #futebol, os #meninos são ótimos. Mas as #meninas não, porque, ne? Não tem nada pra elas fazerem, então se elas forem elas #ficam lá sentadas vendo os #meninos jogando, #conversando, ne?

Envolver o jovem na comunidade, na opinião das entrevistadas, não ocorre facilmente. Problemas com disponibilização de espaço pelas lideranças comunitárias para os projetos sociais voluntários também são apontadas pelas entrevistadas.

A gente veio aqui #treinar e não pode, embaixo_da_quadra estava trancado, a gente #ficou #pro lado de-fora. Isso #desmotiva o jovem no próximo #treino eles #vão se perguntar: tem #treino mesmo? Ai, ele #corre risco de não ir, #fica #desmotivado.

Se é difícil o desenvolvimento de projetos para os rapazes, para as jovens do sexo feminino a dificuldade é maior. Participar de um grupo de capoeira, de um curso de dança ou na escola de samba depende da participação de outras mulheres. As jovens não ingressam em quaisquer dos esportes disponíveis, em sua maioria frequentados por homens, se não houver uma ou mais mulheres envolvidas também.

E eu só venho porque tem a D também, ela tá aqui todo_dia, porque se ela #parar eu tenho que #parar também, porque não vai ter mais mulher no grupo.

A maioria das participantes tem filhos, e esse parece ser outro fator que atua no sentido de dificultar seu envolvimento com atividades destinadas aos jovens nos dois bairros. Segundo essas jovens para participar a mulher, primeiro realiza todas as atividades domésticas quando chega do trabalho, cuida dos filhos e tem que conseguir alguém que cuide das crianças enquanto faz algum curso ou se envolve em outras atividades.

aquela coisa né, mulher é mais difícil, por exemplo tem a J, ela tem uma #filha #pequena, de tres_anos. Ela só pode #vir #treinar se alguém #ficar com a criança.

ela trabalha o dia_todo e de-noite tem que arrumar alguém pra #ficar com a criança pra #vir #treinar; é difícil/ a gente trabalha, chega em #casa tem o serviço_de_casa pra fazer, a gente tem_que_dar conta.

Preocupação constante dessas mulheres é a falta de oportunidades para as crianças. Não concordam em deixar as crianças na rua o dia todo. A região, como já descrito, tem poucos espaços de convivência e recreação. O programa escola aberta é apontado como uma possibilidade, mas o projeto funciona apenas nos finais de semana. Ficar o dia todo na rua sem acompanhamento de um adulto pode facilitar o envolvimento com o tráfico de drogas, na opinião das participantes. Por isso a preocupação com a disponibilização de mais atividades para as crianças.

A violência que atualmente ocorre no bairro também contribui para restringir mais ainda seu cotidiano. Relatam que com a guerra do tráfico algumas práticas sociais foram alteradas. Por exemplo, não é mais possível ficar na porta de casa, conversando com os vizinhos. A comparação com o passado feita por parte das jovens entrevistadas permite constatar que o tráfico sempre existiu ali, mas segundo sua opinião a população podia viver com tranquilidade, transitar pelo bairro. Atualmente a guerra do tráfico modificou a convivência na comunidade, atingindo toda a população, mesmo quem não está envolvido diretamente no tráfico.

A modificação das relações no bairro decorrente da presença da violência apontada pelas jovens como causa da desinformação dos jovens a respeito da história do bairro e o nele acontece já que a convivência fica cada vez mais restrita ao espaço dentro de casa.

A violência no bairro é diferente atualmente também, por ser concretizada no exibicionismo das armas no meio dos moradores, nas disputas visíveis através de tiroteios que ocorrem em disputas por drogas.

Eixo 1 – JUVENTUDE E DIFICULDADES. Classe 5: Violência

A classe 5 representa 12,86% do *corpus* analisado. Devemos ressaltar que 72% do discurso desta classe é compartilhado com aquele da anteriormente apresentada (*Desvantagens femininas*) e que, portanto, é inevitável a impressão de repetição de alguns conteúdos. Segue abaixo quadro com as palavras com maior percentual e/ou qui-quadrado que fazem parte desta classe. Nesse contexto lexical, a exemplo do que ocorreu com a classe anteriormente descrita, o conjunto de palavras indicadas como importantes na análise também é bastante reduzido em comparação com as outras classes. Também foi necessário, para a interpretação deste contexto, recorrer de forma mais detalhada aos contextos selecionados pelo programa e apresentados no relatório.

Tabela 11 - Palavras características do Eixo 1 – JUVENTUDE E DIFICULDADES. Classe 5: Violência

Palavra	X ₂	%
dar	20,86	80
pessoa	16,96	39,13
Quer	15,65	55,56

Essa classe apresenta a violência, sobretudo aquela decorrente da guerra do tráfico e suas conseqüências para os jovens e para as comunidades. A guerra do tráfico acarretou modificações ao cotidiano das comunidades e atinge todos os moradores. Os jovens estão envolvidos diretamente, participando do tráfico ou indiretamente, pelas amizades, conhecidos ou parentes envolvidos de alguma forma. Nessa classe, as participantes reafirmam o que é ser jovem e as particularidades de ser jovem negro, mas apontam principalmente a violência como um fator desmotivador ao envolvimento dos jovens na comunidade. Isso porque eles ficam impossibilitados de se locomover entre os bairros, não podem ir treinar e nem participar de um projeto social no outro bairro, pois sua segurança está em risco.

Para elas, mesmo não sendo traficante ou usuário é impossível viver nos bairros e não ser afetado pela situação seja por ter amigos ou parentes envolvidos no tráfico, seja pelos tiroteios que atingem qualquer pessoa que está nas ruas.

As participantes reafirmam o que é ser jovem e ser jovem negro para elas. Mesmo nessa situação de violência envolvendo toda a comunidade, acreditam que ser jovem é buscar a felicidade, ser honesta e dedicada. Essas são características ressaltadas, que simbolizam ser

jovem. Ser jovem negro é também buscar essa felicidade.

mais #feliz ainda, mais #feliz ainda. Minha família é descendente de negros, eu sou assim mais. Minha avó e #negra, meus primos são negros assim, e são assim chega. então quando eu #falo para os meus primos ninguém acredita.

#sei lá, #pra mim, ser jovem é aproveitar né, #as oportunidades que a gente tem, quando a gente tem tempo, que depois-que envelhece, porque tem muitos jovens aí que não aproveita né, caminho #das drogas,

As dificuldades enfrentadas em ser jovem negro também são reafirmadas. Nesse caso o preconceito racial vivido por essas participantes. A discriminação é descrita por essas jovens que a vivenciam no trabalho, como apontado no exemplo abaixo.

não entendi na hora porque, ela #deu um motivo. Mas eu era quem fazia aquele #trabalho também, mas não era comissionado. Eu era que mais #sabia #pra fazer aquilo e a menina que saiu me indicou, mas a chefe não #quis.

depois-que #fiquei sabendo que ela não #quis porque eu era preta. Essa menina #negra #pra #atender #as #pessoas no nosso departamento? não, #pra fazer outro #trabalho ate-que podia mas #pra ser comissionado não.

O interesse em participar das atividades ligadas à cultura no bairro é evidenciado nas situações em que a escola de samba, em parceria com a prefeitura, realiza atividades nas escolas do bairro. Uma participante destaca que as adolescentes ficam encantadas com a escola de samba e desejam participar de aulas, principalmente de samba, o que não existe em projetos sociais no bairro.

Eixo 2 – RESISTÊNCIA. Classe 2: *Exaltação da comunidade*

Na classe 2 encontramos 25% dos dados analisados. Esse contexto discursivo trata do prazer em morar na região, seus pontos positivos, mesmo com o aumento da criminalidade. O quadro abaixo apresenta as palavras que melhor descrevem essa classe, indicadas pelo ALCESTE a partir do cálculo do qui-quadrado e de sua frequência.

Tabela 12 - Palavras características do Eixo 2 – RESISTÊNCIA. Classe 2: *Exaltação da comunidade*

Palavra	X ₂	%	Palavra	X ₂	%
amigos	11,38	83,33	conhecido	17,5	75
bairro	31,71	72,73	tráfico	15,56	100
morro	30,48	81,25	violência	15,56	100
samba	27,16	84,62	Fonte grande	14,29	77,78
historia	18,81	100	piedade	11,31	75

As participantes reconhecem a situação vivida nos bairros mas destacam que a violência está em todos os lugares, em todos os bairros e não apenas nos bairros pobres.

como todos #bairros de classe media alta ou periferia, tem seus problemas seja com drogas, #violência, mas encaro com tranquilidade. Acho aqui um #lugar bom para #morar, por-isso escolhi o #centro, aqui na #fonte #grande. com-certeza eu recomendaria aos meus #amigos para morarem no #bairro.

Da mesma forma, aqui também é salientada a forma como a polícia trata os moradores da os comunidades:

O #aumento discreto da #violência, na #comunidade. A forma que a policia faz as abordagens, aos jovens, homens e negros. Eles abordam com #violência, como-se todos fossem marginais.

Ainda assim, a maior parte das entrevistadas afirma gostar do bairro em que mora e o recomendaria como local de moradia para outras pessoas. A boa localização (perto de tudo), a movimentação de pessoas nos fins de semana em atividades festivas, a tranquilidade, as rotinas de seus moradores, a forma de se relacionarem uns com os outros são características positivas dos bairros apontadas pelas jovens. Alguns exemplos de falas positivas são apresentados a seguir:

mas acho que e #tranquilo assim mesmo. E um #lugar bom para #morar. eu indicaria sim, o #bairro para os meus #amigos morarem. Nas redondezas, nos #bairros em volta também, sem problema. Acho que #positivo tem a localização, aqui é perto-de tudo, fácil de se deslocar, de ir para o trabalho.

juventude saindo pra trabalhar; crianças #indo a #escola, o entregador de gás, água, de compras, o #quebra queixo. Não penso em sair daqui, me identifico com o #bairro ate agora, a #região, em volta #do #bairro é #tranqüila.

Os bairros encantam por sua expressão cultural. A música e a arte são destaques da região, sendo produzidas e reproduzidas nos espaços de convivência. Por ser uma das maiores expressões culturais dos bairros, a história da escola de samba é confundida com a história do bairro. Para as participantes, há o conhecimento sobre a escola de samba pelos jovens, elas mesmas identificam a escola de samba e o congo como expressões culturais do bairro.

Misturam-se #samba, #escola de #samba, integração da #comunidade, artistas, compositores/velha_guarda, atores, atrizes, estilistas, poeta. Eu já #conhecia o #bairro quando decidi vir #morar aqui. Escolhi vir #morar aqui pela facilidade, por estar perto-de tudo, #do meu trabalho, e por amor à primeira vista.

E a história do samba se confunde e se reafirma na história das famílias. Metade das entrevistadas vivem no bairro desde o nascimento, envolvidas co a arte e a cultura do lugar.

#moro na #fonte #grande ha vinte e sete anos. Eu sempre convivi no meio #do #samba. Porque assim, a família toda sempre foi unidos da #piedade.

Eixo 2 – RESISTÊNCIA. Classe 4: *Cultura e participação comunitária*

A classe 4 contém 12,86% dos dados analisado pelo ALCESTE. Nessa classe aparece mais fortemente a conjugação feita pelas jovens entre a participação comunitária e as manifestações culturais de seus bairros. Primeiramente apresentamos o quadro com as palavras representativas da classe e em seguida descrevemos a interpretação dada para esse contexto.

Tabela 13 - Palavras características do Eixo 2 – RESISTÊNCIA. Classe 4: *Cultura e participação comunitária*

Palavra	X ₂	%	Palavra	X ₂	%
Participação	49,64	63,16	depende	14,19	75
Vida	42,49	100	jovens	14,05	38,1
Cultura	21,36	60	juventude	11,32	45,45
escola_de_samba	20,86	80			

As jovens entrevistadas consideram que a participação dos jovens é uma realidade concreta em suas comunidades. Os jovens participam ativamente de diversas formas em diferentes contextos: religiosos, de produção musical, dança, políticos.

para mim o jovem #participa muito. A bateria #da escola e #formada por #jovens. Também e visto a #participação #da juventude nos cultos evangélicos e católicos, na associação de moradores, nos comércios em-geral.

O envolvimento dos jovens nas atividades da comunidade pode ou não ser incentivado pela participação da família. A família pode incentivar o envolvimento na comunidade com sua participação, levando as crianças para os ensaios da escola de samba, inscrevendo seus filhos nas aulas de capoeira, congo. Ainda assim fica ressaltada a idéia de que o fator decisivo par a participação é o próprio interesse dos jovens em fazê-lo.

acho que a #família #participando pode #facilitar porque o jovem viu aquilo desde criança, a #família indo lá, #participando na #vida #cultural, nos ensaios, no samba. #depende #do #grau de #interesse no assunto, do #grau de interesse de cada jovem em #participar; se #envolver.

aqui então muitas #familias moram próximas, ficam bem próximas. Já outros a #familia pode não #participar e assim mesmo ele #participa de tudo. Conheço #jovens que são assim. Acho que pode a #família #participar e o #jovens não #participar e pode também a #familia não #participar e o jovem #participar.

O envolvimento com as atividades culturais ocorre por diversos fatores: amizades, família, por se interessarem pelo tipo de atividade. A permanência nas atividades depende também dessas amizades. Muitas vezes elas são mantidas nos diferentes contextos frequentados: os mesmos jovens que estão na capoeira estão no congo ou na escola de samba. As amizades são reproduzidas nos diferentes espaços, mantendo-se o mesmo grupo. O principal motivador da participação dos jovens segundo pensam as moças entrevistadas é a atratividade do que é proposto.

O envolvimento dos jovens com a Escola de Samba é maior no período do ano próximo ao carnaval. Mas os jovens também estão envolvidos em outras atividades do bairro, entre elas as atividades religiosas.

tem também a #escola_de_samba, que e bem #ativa nessa época do ano. Por exemplo, a bateria #da #escola_de_samba e #formada por #jovens. #os #jovens aqui também #participam

muito #nas igrejas, na católica e também #nas igrejas evangélicas. #os #jovens aqui se #envolvem bem com o-que tem de #cultura no bairro, eles buscam isso.

ele enfrenta o preconceito o-que torna ser jovem mais difícil. O jovem sempre #participa #da #cultura, no seu #grupo, #da sua #forma, na sua tribo. ele #participa no que #chama sua #atenção. Na religião, na #cultura #da comunidade, em muitas coisas ele e #ativo.

Retoma-se a questão do preconceito percebido por parte das jovens que acreditam não ser direcionado apenas às pessoas, mais especificamente aos rapazes, mas também direcionado a tudo que está ligado a eles:

somos #jovens padrão para a policia, que enchamos #os presídios, que somos exterminados. Na sua tribo sim, voce pode observar #jovens na #cultura, no cinema e #nas rádios comunitárias, #grupos #culturais, na religião, na #vida útil #da comunidade, na musica.

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Observamos que a distribuição do conteúdo analisado pelo programa ALCESTE formou dendrogramas bastante diferentes para o grupo masculino e para o grupo feminino. O dendrograma masculino (Figura 1) apresentou uma divisão inicial em dois eixos com pouca semelhança entre seus conteúdos: Eixo O MORRO É MEU SOLO e O MORRO É MEU CÉU. Embora na análise do ALCESTE fique evidente a separação ao falarem destes dois mundos, os mesmos não configuram realidades separadas para os jovens. Nas entrevistas realizadas, perguntamos sobre a vida em comunidade, o cotidiano e planos para futuro. Se ao falar de comunidade esses jovens remetem também à vida religiosa, é porque os aspectos ligados ao cotidiano estão interligados ao da vida religiosa e vice-versa, mesmo tendo conteúdos distintos. O Eixo O MORRO É MEU SOLO é composto pelas classes *Participação comunitária*, *Ser jovem Negro*, *Planos para o futuro*, e *Dificuldades*. O Eixo O MORRO É

MEU CÉU é composto pela classe *Religiosidade*.

O dendrograma feminino (Figura 2) apresentou uma divisão inicial em dois blocos com poucas semelhanças entre si, formando dois eixos de discurso: JUVENTUDE E DIFICULDADES e RESISTÊNCIA. O Eixo JUVENTUDE E DIFICULDADES é composto pelas classes: *Desvantagens femininas*, *Violência*, *Comunidade carente* e *Negritude: dificuldade e preconceito*. O Eixo RESISTÊNCIA compreende duas classes: *Exaltação da comunidade* e *Cultura e participação comunitária*.

Como se pode observar a partir do que foi exposto, os assuntos sobre juventude abordados pelos jovens de ambos os grupos envolvem: participação comunitária, família, valorização pessoal (identidade negra), planos para o futuro e vida religiosa. Em geral os jovens falam dos mesmos assuntos, o que muda de um grupo para outro é a relação que fazem entre as temáticas. Entretanto a análise do discurso feminino evidenciou conteúdos que se organizaram de tal forma a aparecerem como classes específicas, como se pode observar no caso da violência e no caso da desvantagem vivida pelas mulheres.

Os tópicos analisados estão organizados de acordo com as classes formadas pelo ALCESTE. Desenvolveremos a discussão comparando o discurso feminino e masculino referente a cada tópico. No tópico *Classes em comum* discutiremos as classes em comum no discurso masculino e no discurso feminino, comparando as afirmações de cada grupo para as questões que envolvem as temáticas abordadas. Desse tópico geral fazem parte os seguintes itens específicos: *comunidade e participação comunitária*, *ser jovem e ser jovem negro e dificuldades em ser jovem*.

As temáticas que formam a maioria das classes dessa pesquisa fizeram parte do roteiro semi-estruturado. Todas elas foram, em algum momento das entrevistas, abordadas pelos entrevistados. Mas alguns assuntos abordados pelo roteiro de entrevista não apresentaram conteúdo suficiente para a formação de uma classe em algum dos grupos. Da mesma forma, temáticas que não foram contempladas no roteiro surgiram ligadas aos assuntos abordados. Nesse caso foram tão constantes e impregnaram os discursos dos jovens ao ponto de comporem classes a partir da análise do ALCESTE. Isso aconteceu em relação a temas diferentes para os rapazes e as moças participantes da pesquisa, o que se observa a partir da composição de classes exclusivas de cada grupo. Essas classes serão trabalhadas no tópico *Classes exclusivas* que está dividido em *Classes exclusivas masculinas* e *Classe exclusiva feminina*.

CLASSES EM COMUM

Nesse tópico analisaremos as classes com temáticas comuns tanto no discurso feminino quanto no discurso masculino.

Comunidade e Participação Comunitária

A participação comunitária é destacada tanto pelos rapazes como pelas as moças como vemos na classe *Participação comunitária* masculina e na classe *Cultura e participação comunitária* feminina. Os participantes de ambos os grupos afirmam a participação de jovens nos espaços da comunidade, seja em movimentos comunitários políticos, culturais ou religiosos.

Cabe aqui um esclarecimento. Entendemos por mobilização comunitária a participação coletiva em diferentes frentes de ação nos bairros. Para o presente estudo, utilizaremos a mobilização política, cultural e religiosa. Por mobilização política entendemos a participação nas assembleias do centro comunitário, nas assembleias do Orçamento Participativo Municipal e em diversas instâncias de negociação com o poder público. Por mobilização cultural entendemos a participação nos espaços de produção e difusão da cultura como a Escola de Samba, oficinas de congo, aulas de capoeira, como também espaços esportivos como torneios de futebol. Por mobilização religiosa entendemos a participação nos eventos religiosos comunitários, nas festas religiosas, procissões, grupos musicais religiosos. Entendemos que esses espaços se entrecruzam, pois essas diferentes instâncias muitas vezes são interdependentes. Utilizaremos essa diferenciação apenas quando compreendermos que em uma classe definida pelo ALCESTE há maior ênfase a um dos aspectos em detrimento dos demais.

Os entrevistados relatam a participação comunitária a partir de ângulos diferentes. Os rapazes destacam a participação política nos movimentos sociais do bairro. Entendem que essa participação política poderia facilitar a cobrança sobre o Estado de melhorias na infraestrutura do bairro e na promoção de cursos profissionalizantes. Prado (2002) afirma que as diversas reivindicações dos movimentos sociais atuais permitem ampliar a visão sobre as manifestações políticas em suas diversas formas, mas “não implica deixar de reconhecer o político enquanto uma esfera institucional diretamente vinculada ao Estado” (p.64). A organização na comunidade é sinônimo de mobilização política, onde o jovem deve atuar na relação com o estado cobrando melhorias para o seu bairro, sua comunidade.

A relação com as instâncias do Estado foi se modificando com o passar do tempo, seja pelas modificações na comunidade seja pelas modificações no cenário político. Para os rapazes o poder público esqueceu o bairro, pois as intervenções que lá realizam, seja em infra-

estrutura seja na promoção de cursos, são insuficientes e não atendem à demanda existente. Guimarães (2001) ao analisar a participação no cenário político da população negra no Brasil, salienta que o estado brasileiro atendeu a diversas demandas da agenda de movimento negro nacional, mas mostra-se relutante em atender as demandas de combate à desigualdade de renda e de acesso aos serviços públicos. Mesmo com o avanço conseguido pela mobilização social, o estado reluta em atender demandas “que exigem políticas afirmativas e inovadoras” (p.136). Para os rapazes, cabe ao poder público promover capacitação aos jovens e dessa forma possibilitar melhores oportunidades de trabalho aos mesmos. Araujo Guimarães (2005) analisando os dados da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” afirma que “o trabalho aparece como uma referência central entre as opiniões, atitudes, expectativas e relatos de experiências” (p.168) dos jovens pesquisados. Aqui o trabalho também é um referencial importante para esses jovens, e cabe ao Estado promover uma melhor inserção deles no mercado de trabalho. O discurso masculino não retira a responsabilidade de cada jovem em aproveitar as oportunidades – como veremos no tópico *Dificuldades da juventude* – mas responsabiliza também o estado pela situação de exclusão do mercado de trabalho que muitos jovens se encontram. A mobilização política é vista como uma saída para mudar esse quadro, levando a um saudosismo em relação a um período em que ocorria uma maior integração no bairro, maior mobilização devido a eventos e festas promovidas pelo movimento comunitário. Lembram que naqueles momentos os políticos estavam presentes e distribuía cestas básicas, material escolar, utensílios domésticos. Em comparação com aquele tempo, os jovens acreditam que hoje a atenção dada aos bairros é menor.

Como referencial da organização política, os rapazes entrevistados evocam a mobilização cultural. Seja no presente ou no passado (segundo suas lembranças) quando festas eram promovidas pelo movimento comunitário levando à mobilização e a um contato maior com o Estado que participava das mesmas. A mobilização comunitária voltada à produção cultural pode ser vista como um modelo para a organização política nos morros, por ser mais eficaz. Como observado em campo, o envolvimento que as lideranças de ações culturais conseguem com os moradores é grande, principalmente no que diz respeito à Escola de Samba. O desfile da escola de samba é uma produção coletiva dos morros, assim como as procissões e festas em homenagem a São Benedito. Nesses momentos, as lideranças conseguem adesão e empenho de vários moradores. Por esse motivo, os jovens acreditam que as estratégias utilizadas para a mobilização nas ações culturais devem servir de modelo pra a organização política dos bairros. A mobilização comunitária que parte de um movimento cultural pode ser vista nos trabalhos sobre o movimento Hip-Hop. Moreno (2005) analisa a

atuação de protesto dos jovens através do movimento Hip Hop utilizando a música para fazer críticas a desigualdades sociais, econômicas, ao preconceito racial, e propondo projetos onde os jovens podem atuar questionando e modificando essas diferenças. Outros autores (Dayrell, 2002; Souza, 2006) também analisam o movimento HIP-HOP como espaço de construção de identidade do jovem negro e de mobilização social comunitária.

As jovens não afirmam a via política como possível para a promoção de melhorias na comunidade. Elas focam sua atenção na parte cultural da participação comunitária em detrimento da participação política. Silva (2009) em pesquisa intitulada “História, memória e cultura nos morros da Piedade e Fonte Grande” afirma que os moradores dos bairros “ao referirem-se ao samba, os blocos e as formas de produção das festas, o ambiente comunitário mais amplo é evocado com insistência” (p.55 e 56). Podemos dizer que as participantes desta pesquisa acreditam que a mobilização comunitária deve acontecer a partir dos espaços culturais, principalmente os existentes. Entendemos que elas focalizam os espaços de decisão já presentes na comunidade e direcionam para eles a responsabilidade de promoção da mobilização comunitária para a promoção de mudanças sociais. Uma relação é feita entre participação no samba e mobilização comunitária considerando que, como observado na comunidade, a participação nos espaços culturais perpassa todas as idades. Assim, as moças ao falarem de participação comunitária remetem à participação nos movimentos culturais existentes.

Salientamos aqui a diferença entre as falas femininas e masculinas. Ambos desejam o mesmo para seus morros: melhorias em infra-estrutura, programas que possibilitem acesso ao mercado de trabalho. Mas ao afirmarem como deve acontecer a mobilização para conseguir esses benefícios, rapazes e moças se diferenciam. A participação do jovem no cenário político municipal e local é o caminho apontado pelos rapazes para lutar pelas modificações necessárias. As moças não falam em mobilização política, elas indicam a participação em projetos sociais locais, entre eles culturais, como caminho para conseguir uma mobilização comunitária para melhorias.

Podemos entender que para os dois grupos aqui representados a participação juvenil existe, apesar de não parecer significativa no campo político comunitário. Mas consideram que os demais moradores não se envolvem também. Abramo (2004) afirma que a apatia política relacionada aos jovens não é uma característica apenas deles, sendo que a sociedade apresenta-se também apática e desmobilizada politicamente. A autora argumenta que a postura dos jovens frente à política mostra uma crítica e um desejo de mudança. Embora participação política não seja o caminho vislumbrado por todos os jovens, a juventude

continua desejando uma sociedade mais justa.

Nos campos religiosos e culturais a participação de jovens é maior em comparação à participação política, pois esses se sentem desmotivados por não se identificarem com a atividade, por não poder fazê-la como desejam. A desqualificação das atividades fomentadas por jovens é tida, para os nossos entrevistados, como um fator que dificulta a atividade juvenil na comunidade. Entre os jovens que criaram e lideram projetos desenvolvidos na comunidade, alguns reclamam da falta de apoio de outras lideranças comunitárias.

Para os rapazes desmobilização é consequência de liderança sem capacidade de motivar, de liderança incompetente. Para as moças a desmobilização e falta de participação ocorre pela não identificação com a atividade devido à impossibilidade de participar em sua construção e modificação, como também pela desqualificação de suas idéias por serem jovens. Observamos a partir dos conteúdos dos discursos e da análise efetuada, que os jovens do presente estudo participam ativamente da vida na comunidade. Em algumas atividades eles estão mais envolvidos. Na opinião dos entrevistados a juventude deveria envolver-se mais no movimento comunitário. Para eles não adianta o jovem mudar, o bairro tem que mudar com ele, deve ter a cara dele. Especificamente as participantes relatam que o fato da juventude não participar está ligado a não identificação com o movimento e/ou espaço. Tanto que elas pouco citam o movimento comunitário como espaço de atuação juvenil, embora afirmem que jovens estão envolvidos em tudo na comunidade.

Outro ponto presente no discurso masculino quando falavam sobre a comunidade foi a permanência no bairro. Para as jovens, essa temática ganhou realce de tal forma que suas falas a esse respeito foram agrupadas em uma classe própria na análise realizada pelo ALCESTE (classe *Exaltação da comunidade*).

Para os rapazes, mesmo com todas as dificuldades apontadas, o bairro é visto como um local de acolhida, onde são conhecidos e reconhecidos. Suas histórias pessoais e familiares estão interligadas ao local, então não desejam deixá-lo. O bairro apresenta-se como um refúgio: por serem conhecidos pelos moradores, os rapazes não correm o risco de serem abordados como marginais devido à forma de se vestirem ou por sua cor. Dos seis entrevistados, quatro afirmaram ter um círculo de amigos que em sua maioria estava restrito aos moradores dos dois bairros e redondeza. Com isso os locais que frequentam acabam se restringindo também. São jovens que não circulam por sua cidade, que não frequentam outros locais. Os motivos que levam o bairro a tornar-se um refúgio são citados muito mais claramente pelas jovens. Apenas elas falam diretamente sobre preconceito e preconceito racial, tema que exploraremos no tópico abaixo.

Ser Jovem e ser Jovem Negro

Tanto no discurso das moças quanto no dos rapazes o ALCESTE identificou conjuntos discursivos sobre ser jovem e ser jovem negro (classe feminina *Negritude: dificuldade e preconceito* e classe masculina *Ser jovem negro*). As moças definiram juventude como momento de liberdade, mas com responsabilidade. Os rapazes tiveram dificuldade em definir juventude, mesmo assim o fizeram como período de distração, integração, amadurecimento e compromisso. Para os entrevistados de ambos os sexos, juventude é um momento de escolhas que irão influenciar o futuro do jovem e de sua família. A responsabilidade com a família é afirmada continuamente. Percebemos que os jovens entrevistados, tanto os rapazes quanto as moças, sentem-se responsáveis em promover melhores condições a seus pais e/ou cuidadores. Ou aos seus filhos e companheiro (a). A juventude é vista como um período de preparação, onde as oportunidades são maiores e devem ser aproveitadas. Para os entrevistados, é de responsabilidade de cada jovem aproveitar essas oportunidades.

Para os entrevistados de ambos os sexos ser jovem negro é sinônimo de resistência ao preconceito. As moças afirmam claramente o preconceito enfrentado por serem jovens negras, mas ambos os grupos identificam o enfrentamento ao preconceito racial como um definidor da juventude negra.

O preconceito racial para esses jovens é um diferenciador entre a juventude deles e a dos jovens brancos. As formas com que o preconceito racial é praticado na modernidade são diferentes das encontradas antes das leis contra o racismo. França & Monteiro (2004) descrevem as novas teorias sobre as formas de preconceito, entre eles o racial. As autoras afirmam que as teorias sobre racismo “mais estudadas na literatura são a teoria do racismo ambivalente, a teoria do racismo simbólico, a teoria do preconceito sutil, a teoria do racismo aversivo e a teoria do racismo moderno” (p. 140). Vamos nos deter no racismo aversivo que está ligado diretamente ao contexto em que as pessoas estão inseridas. As autoras sintetizam o pensamento sobre o racismo aversivo da seguinte forma: “em contextos nos quais as respostas socialmente desejadas não estão definidas claramente, ou ainda em contextos nos quais é possível encontrar uma justificativa não relacionada com a etnia ou a raça para explicar uma resposta negativa em relação aos negros, o comportamento discriminatório pode ocorrer” (p. 140). Pereira, Torres & Almeida (2003) ao analisarem a influência do discurso justificador da discriminação sobre o preconceito racial apresentam esse preconceito situacional como traço da modernidade, sendo resultado de um discurso ideológico das classes dominantes para

justificar e assim manter as situações de dominação. Mesmo mantendo-se de forma velada ou apresentado como um racismo cordial (Sales Jr, 2006) a discriminação racial é percebida tanto pelos rapazes quanto pelas moças. Essas formas modernas de preconceito podem ser identificadas nos discursos dos entrevistados principalmente nas seleções para emprego, quando outros fatores podem ser utilizados como justificativa para o preconceito. Sobre o que significa ser jovem negro, uma entrevistada afirmou:

é diferente porque é mais difícil. O jovem negro sofre com o preconceito, ele não consegue arrumar emprego. Olha só, vai no shopping que você vê, naquelas lojas de boutique não tem nenhum jovem negro atendendo, não tem. O jovem sofre com o preconceito quando sai na rua.

Os jovens afirmam que um dos reflexos do preconceito enfrentado pelos jovens negros é a dificuldade em ingressar no mercado de trabalho e permanecer nele. Bento (2000) afirma que a discriminação racial está presente em todos os espaços do mercado de trabalho, interferindo nos mesmos. A discriminação racial é um fator que dificulta a entrada do jovem negro no mercado de trabalho (Araújo Guimarães, 2005; Teles, Freguglia & Carvalho, 2003), mas o desconhecimento das relações raciais no cenário brasileiro pode levar a culpabilização deste jovem por sua situação de exclusão. A cobrança para que este jovem tenha sucesso parte dele e também de seu grupo social. Percebemos no discurso tanto dos rapazes quanto das moças uma cobrança sobre a juventude para que consiga “vencer na vida”. A responsabilização é maior para os jovens do sexo masculino. Araújo Guimarães (2005) afirma ser o desemprego o assunto que mais angustia os jovens de 18 a 20 anos, principalmente os do sexo masculino e com baixa escolaridade e menores salários. Essa preocupação masculina com o ingresso no mercado de trabalho evidencia-se na classe Planos para o futuro onde eles expõem o que planejam para si futuramente.

Para os rapazes entrevistados a reflexão sobre juventude negra não é um assunto com o qual os jovens sempre estejam envolvidos. Pensam que falta reflexão e/ou conhecimento por parte da juventude negra sobre as relações raciais no país, levando a uma falta de participação de boa parte dos jovens nesse debate na sociedade.

O enfrentamento ao preconceito é vivenciado de diferentes formas pelos jovens. Para os rapazes, uma forma de o jovem destacar sua negritude e com isso as demandas de seu grupo é o envolvimento no cenário político local, na relação com o poder governamental, nos projetos sociais voltados a juventude e no movimento comunitário. Não negam a participação de jovens nesses espaços, mas para eles ela ainda é inexpressiva.

As moças afirmam a necessidade do estudo e do trabalho para mudar essa situação.

Podemos dizer que a maior escolaridade entre as mulheres permite as elas uma posição diferente nas relações de gênero, pois não dependem economicamente dos maridos ou da família. Nesse sentido, aumentar os anos de escolaridade estudando em uma faculdade pode facilitar a entrada no mercado de trabalho e, conseqüentemente a independência econômica. Mas as dificuldades ao acesso ao trabalho encontradas pelas mulheres são maiores. Se os homens enfrentam um duplo preconceito (por serem jovens e por serem negros), elas enfrentam os mesmos preconceitos que os homens acrescidos do preconceito de gênero. O acesso ao mercado de trabalho para os jovens negros é diferente em relação ao gênero. Cacciamali & Hirata (2005) em estudo visando verificar a discriminação no mercado de trabalho para homens e mulheres e também em relação a sua auto-afirmação de cor/etnia demonstrou que, entre os mais pobres as mulheres são mais discriminadas, sendo as negras mais discriminadas que as brancas, mas que os homens negros não sofriam discriminação. Outros estudos demonstram a desqualificação da imagem da mulher negra, seja ao ser preterida no mercado matrimonial (Petruccelli, 2001), seja na desqualificação da estética negra (Gomes, 2002, 2006).

No discurso das jovens, os planos de estudo e formação profissional não aparecem em uma classe exclusiva, como ocorre no discurso masculino, mas estão relacionados ao enfrentamento do preconceito racial.

Os desejos de ingressar em uma faculdade, de conseguir uma melhor qualificação profissional e melhores trabalhos, compõem os planos de futuro dessas jovens, mas eles sabem que a discriminação racial é um fator dificultador. Aguiar (2003) em entrevista a Sra. Mércia Consolação Silva do Centro de Estudos das Relações do Trabalho e Desigualdade - CEERT - indica que a discriminação dentro de uma empresa dificilmente acontecerá de forma direta. A discriminação ocorre na postura adotada pela própria empresa frente a seus funcionários como na inexistência de programas que valorizem a diversidade étnica e na exclusão de pretos e pardos de programas de qualificação que posteriormente serão utilizados como avaliação para promoções. No caso do mercado de trabalho, os jovens identificam a dificuldade de ingressar e permanecer nele, mas dificilmente enfrentaram uma situação de discriminação direta. Vemos que essa discriminação difusa indireta pode levar a pessoa a ter dúvidas se realmente está sendo discriminada ou se foram outros fatores que impossibilitaram sua ascensão.

Mesmo sendo o preconceito praticado de forma camuflada na contemporaneidade, não significa que a discriminação direta não exista. O contexto onde as expressões discriminatórias não sejam repelidas socialmente, a expressão do racismo torna-se direta. Na

experiência de discriminação vivida por uma das entrevistadas e relatada nas entrevistas, ela ouviu sua supervisora no trabalho afirmar, para outra funcionária, que não iria promovê-la a um posto de referência no setor por ela ser negra.

A temática do preconceito presente nos discursos das jovens está distribuída nas classes pertencentes ao eixo JUVENTUDE E DIFICULDADES e concentrada de forma especial em *Negritude: dificuldade e preconceito* e *Desvantagens femininas*. O preconceito ocorre tanto dentro da comunidade quanto fora. Na comunidade a juventude é discriminada por serem jovens, vistos como inexperientes para opinar no desenvolvimento das atividades no bairro. As atividades sejam elas religiosas, culturais ou políticas não são construídas com a opinião dos jovens, dificultando sua identificação com as mesmas. A participação do jovem é desqualificada, desmotivando-o. Ainda assim, observa-se as entrevistadas ressaltam o fato de que mesmo enfrentando o preconceito na comunidade por serem jovens, muitos assumem sua participação em diversas atividades culturais, políticas e religiosas, sendo essas reconhecidas por eles como importantes. Mas consideram que fora dos bairros os jovens são vítimas de preconceito maior. Ao saírem do bairro levando seu modo de vida a outras regiões da cidade são discriminados por sua cor, por suas roupas, por sua música.

O sofrimento causado pela discriminação racial dificulta até a nomeação do racismo por parte dos rapazes. É doloroso falar de discriminação quando a imagem que tem de si, de jovem negro, é diferenciada do outro apenas pela discriminação racial. Os homens tiveram dificuldade em falar diretamente da discriminação, mas reconhecem que a sociedade põe barreiras ao jovem negro.

São as jovens do grupo feminino que nomeiam as experiências vividas como discriminação racial, são elas que o identificam e declaram abertamente sua existência. Inclusive são elas que falam da discriminação que os próprios homens são vítimas. Consideramos importante nesse contexto de discussão trazer uma fala de jovem entrevistada que ilustra melhor o que afirmamos:

O jovem negro enfrenta o preconceito na sociedade. Ele é visto como possível bandido pela polícia, parece que sempre é suspeito. Tem mais dificuldades de conseguir emprego. No comércio, por exemplo, em alguns locais você não vê jovens negros trabalhando.

Jovem negro visto como *possível bandido pela polícia, parece que sempre é suspeito*. Gonçalves (2005) encontrou o mesmo tipo de resposta ao entrevistar adolescentes. Eles reclamam da atuação da polícia que, ao invés de promover segurança, ela “entra nas comunidades pra esculachar, estabelecendo uma tensão que potencializa o medo e a violência, em vez de

reduzi-los” (p.212). Os jovens entrevistados em nossa pesquisa vivenciam essa mesma situação. Os encontros com a polícia não são benéficos, pois a entrada da mesma no bairro gera violência e constrangimentos aos jovens moradores. Mas as experiências discriminatórias fora do bairro podem ser piores. Em um espaço em que o jovem não é conhecido, em que seu estilo e sua aparência não são como a maioria, ele tem maiores chances de discriminação, seja pela população seja pela polícia. Sair do bairro então, principalmente para os homens, é potencialmente perigoso.

Dificuldades em Ser Jovem

No conteúdo dos *corpora* analisados pelo *software* encontraram-se, tanto no discurso masculino quanto no feminino, classes que tratam das dificuldades encontradas em ser jovem. O discurso masculino sobre as dificuldades ficou compreendido nas classes *Ser jovem negro* e *Dificuldades*. O discurso feminino se dividiu nas classes *Comunidade carente*, *Desvantagens femininas* e *Violência* que, à medida que foram se subdividindo trataram de especificidades das dificuldades enfrentadas pelos jovens. Entre as dificuldades encontradas nos dois grupos estão: inserção e permanência no mercado de trabalho, presença da criminalidade nos bairros. Mais uma vez a inserção no mercado de trabalho aparece como uma preocupação desses jovens. No tópico anterior discutimos como o acesso ao mercado de trabalho é dificultado ao jovem negro devido à discriminação, mas também como a escolaridade e o emprego são vistos pelas jovens entrevistadas como um mecanismo de enfrentamento da mesma. A temática do trabalho é recorrente nesse estudo não apenas por ser o trabalho uma preocupação central para a juventude, mas também pelas particularidades que o jovem negro enfrenta no acesso ao mercado de trabalho, principalmente o preconceito racial. No que diz respeito aos jovens participantes de nossa pesquisa, não podemos esquecer que se trata de pessoas com nível econômico baixo e que vivem em comunidades pobres. A não inserção no mercado de trabalho leva a um sentimento de fracasso, como afirmam Raitz & Petter (2008) em pesquisa com jovens estudantes do ensino médio em bairros de periferia: “observa-se que o trabalho se configura como uma vantagem na vida deles, a falta representa uma angústia, uma frustração, consiste em um dos maiores problemas da vida juvenil” (p.27). Nesse tópico voltaremos a discutir as temáticas do trabalho e estudo e como elas configuram-se como dificuldades para os jovens. Vargas (2004) afirma estarmos vivendo uma mudança no cenário das relações sociais não pensada há 50 anos, com dificuldade na inserção no mercado de trabalho, escola, construção de projeto de vida e o consequente prolongamento do vínculo familiar.

Estudar é algo determinante para os jovens aqui enfocados, pois pensam que do estudo dependerá seu futuro.. Outros estudos apontam o caráter central do trabalho para a juventude

brasileira (Raitz & Petter, 2008; Araújo Guimarães, 2005; Teles, Freguglia & Carvalho, 2003). A possibilidade de uma formação superior esbarra nas limitações econômicas, muitos precisam trabalhar primeiro, garantir um emprego e depois ingressar em uma faculdade. Entendem que essas limitações dificultam o acesso e que por isso possibilidade de estudo nem sempre é uma escolha do jovem. Teles e Carvalho (2003) em pesquisa sobre a juventude e mercado de trabalho no Rio de Janeiro e Minas Gerais, afirmam que a escolaridade média dos brasileiros tem aumentado, mas não é suficiente ainda para atender as exigências mínimas do mercado. A oferta de cursos profissionalizantes pode ser eficaz na adequação de ofertas à demanda de mão-de-obra. Todavia, a contribuição que esses jovens dão ao orçamento familiar é importantíssima, e muitos se vêem impelidos a trabalhar de qualquer forma, mesmo que isso prejudique seu estudo ou tenham que deixá-lo. Da mesma forma que os jovens entrevistado pelos autores acima mencionados, os jovens de nossa pesquisa têm a necessidade de ingressar no mercado de trabalho, pois sua renda é importante no orçamento familiar e o ingresso em uma faculdade, plano da maioria dos entrevistados, depende de conseguir um emprego em que seja possível conciliar trabalho e estudo. Nem sempre essa conciliação é fácil, e o plano de ingressar em uma faculdade e conseqüentemente ampliar suas oportunidades no mercado de trabalho, é protelado. Encontramos o que Teles e Carvalho (2003) chamam de paradoxo: necessitam manter um emprego para ingressarem na faculdade, mas a manutenção do emprego dificulta ou inviabiliza os estudos, diminuindo a qualificação e as chances no mercado de trabalho.

Os cursos de qualificação e atualização profissional promovidos pelo governo são percebidos pelos participantes como oportunidade para facilitar a entrada e permanência em um emprego, mas não atendem todas as demandas expressas tanto pelos jovens quanto pelo mercado de trabalho. A dificuldade de formação que possibilite melhor e mais fácil ingresso no mercado de trabalho começa com a escolaridade básica. Raitz & Petters (2008) entrevistaram jovens no ensino médio e descobriram que os ensinamentos da escola são importantes para a vida profissional, mas os jovens reconhecem também que a escola não os qualifica para exercer uma profissão. Mesmo assim, a permanência na escola possibilita ao jovem qualificação profissional mínima como também um distanciamento da criminalidade. Amparo et al (2008) encontraram como importante fator de proteção e promotor de resiliência para jovens em contexto de risco a forma como eles se relacionam com a escola. Uma maior valorização da escola pelo jovem e melhor acolhimento desta para a juventude é um fator promotor de proteção. No contexto em que os jovens entrevistados em nossa pesquisa vivem, a permanência na escola é estimulada também por permitir esse afastamento da criminalidade, o

segundo dificultador da juventude.

A dificuldade que a juventude enfrenta apontada por todos os entrevistados foi a criminalidade e o tráfico de drogas presentes no bairro. Quando se referem aos jovens em geral, ambos os grupos consideram que o envolvimento com o tráfico de drogas e/ou consumo das mesmas é uma problemática da juventude. As mulheres descrevem com mais detalhes as dificuldades impostas por esta criminalidade. Em seus relatos lembram que o tráfico de drogas já existia o bairro há vários anos, bem como outras contravenções. Mas a convivência com os traficantes e outros criminosos era pacífica. No presente a guerra do tráfico trouxe insegurança inclusive para quem não participa dela. O trânsito entre os bairros é difícil, a permanência na rua ou na porta de casa para as conversas de final de tarde não existem mais. A convivência que era em um grupo social maior, envolvendo vizinhos e outros moradores, está restrita ao ambiente familiar. Gonçalves (2005) analisa a relação dos jovens brasileiros com a família, verificando que “o jovem brasileiro atribui à família expectativas que nas sociedades centrais são compartilhadas por outras instâncias sociais; a retração do público reforça o privado e faz com que repousem no sujeito e no núcleo familiar as forças de agregação social” (p. 213). Nos relatos femininos fica claro que a família que poderia ser compreendida de forma ampliada, com a agregação de pessoas próximas e parentes, acaba restringindo-se aos moradores de uma mesma casa. Com isso as histórias do bairro, da Escola de Samba e do Congo deixam de ser transmitidas aos diversos moradores. Para elas, não saber sobre a história do bairro em que se vive é mais uma consequência da insegurança provocada pela guerra do tráfico.

Para as moças a insegurança está presente, os jovens não deixam de se envolver na vida do bairro devido a ela, mas é um fator desmotivador. Percebemos que a violência é um desmotivador, pois todo jovem morador está ligado ao tráfico de alguma forma, seja por estar trabalhando no tráfico de drogas seja por ter amigos, conhecidos, colegas de infância ou parentes envolvidos. Gonçalves (2005) encontrou em seus estudos uma situação semelhante. A relação dos jovens que não fazem parte do tráfico com a problemática das drogas não se restringe a resistir a ela, a convivência no bairro é alterada, pois “amigos de antes ingressam na marginalidade e não podem mais compartilhar espaços nem tampouco histórias de vida; frequentar os bares, os pontos de encontro” (p.211).

Essa insegurança torna evidente outras necessidades desta juventude, principalmente a feminina: atividades de recreação seguras para as crianças e os jovens. Os espaços de convivência não são seguros, pois muitas vezes estão dominados pelo tráfico. Consideram que existem poucas atividades de recreação que atendam as adolescentes, e que o espaço público é

dominado pelos homens. O campo de futebol e a quadra quando não são utilizados para o tráfico são utilizados pelos homens. A apropriação que o tráfico faz dos espaços de convivência, limitando o trânsito dos jovens e dos moradores em geral, impõe a todos uma convivência peculiar como afirma Gonçalves (2005) e a todo instante o jovem deve estar atendo ao que está acontecendo a sua volta para não ser vítima de um tiroteio. Mesmo sendo algo presente em seu cotidiano, podemos afirmar que esses jovens não naturalizaram o convívio com a guerra do tráfico, nem aceitam tranquilamente as limitações impostas pelos traficantes. Essa postura de resistência pode estar relacionada ao fato da guerra do tráfico ser algo recente no bairro (por volta de quatro anos, como afirmado pelos entrevistados). Antes disso, a convivência nas ruas era tranquila, e caso algum conflito armado surgisse, os moradores eram avisados.

Como descrito anteriormente, os bairros são carentes de atividades para todas as idades, mas em relação às crianças e aos jovens a necessidade de atividades supervisionadas é uma estratégia para evitar o envolvimento com o crime, conforme apontado principalmente pelas jovens entrevistadas. Gonçalves (2005) discute o receio que jovens e pais sentem pela existência de uma violência difusa, presente em todo lugar e sem motivos aparentes. O risco da rua, diz a autora, é reconhecido como real, mas tanto os jovens quanto os pais que entrevistou afirmam ser impossível não conviver com ele, limitar-se ao ambiente doméstico. No caso de nossas entrevistadas, elas apontam estratégias para lidar com essa violência que pode manifestar-se a qualquer momento, entre elas atividades de capacitação profissional, por atender uma demanda de qualificação ao mesmo tempo em que proporciona o afastamento da criminalidade, não apenas ocupando o tempo do jovem mas preparando-o para o mercado de trabalho.

CLASSES ESPECÍFICAS

Algumas temáticas foram discutidas de forma mais intensa por um grupo do que por outro. O grupo masculino expôs mais seus planos para o futuro e sua devoção religiosa, o que resultou no agrupamento desses conteúdos em duas classes específicas: *Planos para o futuro* e *Religiosidade*. O grupo feminino falou mais sobre as vantagens e belezas existentes nos morros – *Exaltação da comunidade*. Esse mesmo grupo também foi responsável pelas classes *Violência* e *Desvantagens femininas*. Consideramos que o tema da violência também esteve presente nos relatos masculinos distribuído em diferentes classes. Assim como o tema relacionado aos planos para futuro aparece também no discurso feminino em diferentes momentos. Nesses dois casos a diferença é de ênfase. Quanto a *Desvantagens femininas*,

fizemos a opção de discutir seus conteúdos em diferentes tópicos já analisados acima e no que se seguirá tratando das representações sociais de jovens. Lembramos que tal classe está ligada de forma a compartilhar 72% de seu conteúdo com a classe *Violência*, deixando perceptível a ênfase, nesse caso em desvantagens mais relacionadas a essa questão.

Classes exclusivas masculinas

Para os rapazes duas classes apareceram como exclusivas: *Planos para o futuro* e *Religiosidade*. Para o futuro os jovens falaram em formação profissional, entrada em uma universidade como necessário para garantir um emprego com melhor salário e condições de trabalho. Dessa forma também podem promover uma melhoria nas condições de vida de suas famílias. Raitz & Petter (2008) afirmam a importância da família para os jovens. Em suas entrevistas os participantes colocaram a família como algo mais importante, mesmo com os conflitos existentes. Amparo et al (2008) também evidenciam a importância da família como um dos elos da rede de apoio que proporciona resiliência e proteção ao jovem. O desejo de constituir uma família e a valorização da escolha de ter uma esposa, presente entre os entrevistados, também é um definidor da entrada na vida adulta. Mas para ter uma família é necessário sustentá-la. Uma concepção de masculinidade hegemônica coloca como uma necessidade e responsabilidade do homem sustentar e manter a família que tem ou que venham a constituir. Para os jovens em que a constituição de uma nova família é um plano a longo prazo, a família atual (pais e/ou cuidadores, irmãos) são um foco de responsabilidade e compromisso. A da família por parte de jovens também foi encontrada nos estudo de Gonçalves (2005) onde o apoio da família foi visto como fundamental para que os jovens possam realizar seus sonhos e projetos, apoio esse dado em conversas, orientações como também em auxílio financeiro enquanto eles ainda não podem se manter. Vemos que esse apoio dado pela família gera um sentimento de retribuição, em que o jovem visa uma ascensão econômica para poder providenciar a seus cuidadores e/ou familiares melhores condições de vida. Por isso esses jovens devem fazer as melhores escolhas agora e aproveitar as oportunidades. Fazer as melhores escolhas, para eles, significa trabalhar, estudar e manter-se longe do crime.

Além do crescimento profissional, em seus planos está a construção ou ampliação dos trabalhos desenvolvidos na comunidade. Ramos (2010) ao analisar o surgimento de atividades fomentadas por jovens em favelas no Rio de Janeiro mostra que esses trabalhos, ao tematizarem a violência, além do desenvolvimento de atividades artísticas, possibilitam construir uma nova imagem do jovem de periferia, desassociando-o da imagem do crime.

Esses projetos tornam-se novos mediadores na sociedade. Para os jovens de nossa pesquisa seu crescimento profissional e as melhorias de vida que desejam dependem também do desenvolvimento de seu bairro. Como não desejam sair do local, deixar o bairro, eles desejam que o bairro melhore como eles desejam melhorar suas vidas. Consideram que não adianta eles se desenvolverem se o bairro onde moram e querem permanecer morando não evoluir também.

Religiosidade trata da devoção dos jovens aos santos, sobre suas demonstrações de religiosidade e sobre as disputas religiosas no bairro. Todos os jovens entrevistados declararam-se católicos. O catolicismo permanece como religião com maior número de seguidores declarados no país, isso também entre os jovens. Novais (2005) ao analisar dados da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” afirma que 65% dos jovens entrevistados declaravam-se católicos. Estavam distribuídos em todas as regiões do país. Segundo a autora os jovens católicos “na distribuição de renda, imitam a pirâmide social brasileira. (...) Os jovens católicos entrevistados estão em todas as faixas de renda, mais são mais numerosos entre os mais pobres” (Novais, 2005, p.267).

O espaço religioso aparece em outras classes também como espaço de convivência e mobilização, mas nesse contexto específico os jovens relatam o seu envolvimento com as práticas de culto. Novais (2005) destaca a importância do recorte religioso, assim como os recortes de classe, gênero, raça ou cor, opção sexual entre outros, para compreensão do “mosaico da grande diversidade da juventude brasileira” (p.263). Ao falar de sua religiosidade, esses rapazes falam das festas religiosas, da música envolvida e participação e influência da família. A devoção é transmitida pela família, assim como a música envolvida nos cultos. A manutenção das práticas religiosas depende da transferência intergeracional. Novais discute essa transferência intergeracional do catolicismo e afirma que:

O Brasil ficou historicamente conhecido como o maior país católico do mundo. O catolicismo como religião oficial e dominante está presente na formação da cultura brasileira. Com as mudanças recentes no campo religioso, costuma-se perguntar pelas chances futuras. Focalizando a juventude podemos perguntar sobre as possibilidades de transferência intergeracional do catolicismo. (Novais, 2005, p.267).

Uma problemática destacada por nossos jovens é a intolerância religiosa. Denominações com diferentes cultos não respeitam umas as outras. A disputa religiosa interfere também nos ensaios da Escola de Samba e nos grupos de congo. Algumas denominações religiosas, por não concordarem com a festa do carnaval ou com o culto aos

santos católicos dificultam a realização dessas manifestações culturais e/ou religiosas no bairro. Esse preconceito leva à divisão de famílias, quando práticas religiosas diferentes são adotadas pelos membros. As diferentes religiões competem então por membros, como afirmam Abramo e Branco (2005, p.20) “a conjuntura atual produz um campo religioso mais plural e competitivo”.

Mas a intolerância religiosa não é bem aceita por esses jovens, pois em suas concepções todos os grupos religiosos deveriam conviver no bairro, cada um com suas práticas e com tolerância.

Classe exclusiva feminina

Ambos os grupos falaram dos benefícios em morar nos bairros, mesmo com as adversidades, mas apenas as mulheres aprofundaram essa temática em *Exaltação da comunidade*. A violência existente no bairro não é vista como natural pelas jovens que consideram que ela prejudica o convívio e modifica as relações. Mas chamam atenção para o fato de que ela não existe apenas nos bairros onde moram, estando presente em todos os lugares. Gonçalves (2005) discute a insegurança generalizada promovida pela violência nas ruas, uma “violência que é difusa, que *está em todo lugar*, que alimenta seus medos e condiciona suas escolhas” (p.211, grifos do autor). A violência também não é praticada apenas pelos criminosos. A violência que mais revolta às nossas jovens entrevistadas é o preconceito vindo da polícia, quando vai ao bairro devido à criminalidade e trata todos os moradores como criminosos.

A valorização do bairro é uma estratégia de resistência. Vários pontos positivos são destacados como a vida cultural, os poetas e músicos que moram ali, a religiosidade e suas festividades, a escola de samba. São produções dos moradores e representam uma forma de se relacionar, de convivência entre as famílias. Esses fatores são destacados pelas entrevistadas, pois os bairros não devem ser vistos apenas pela criminalidade ou pela falta de estrutura. E a história do samba se confunde e se reafirma na história das famílias. Muitas das entrevistadas viveram no bairro desde o nascimento, envolvidas na arte e cultura do lugar. As lembranças dessas jovens da história do bairro são conjugadas às suas experiências pessoais. O que elas recordam está relacionado àquilo que se envolvem nas atividades culturais da comunidade.

Análise das Representações sociais e sua relação com a formação de capital social

Passamos agora a analisar os elementos que compõem a representação social dos

jovens participantes sobre juventude negra, as articulações que essa representação faz com a representação de gênero masculino e feminino e a representação que esses jovens acreditam que a sociedade tem sobre eles. Buscamos descrever o processo de formação das representações de juventude negra através da ancoragem e objetivação. Discutiremos também como a representação social sobre juventudes se estende ao bairro em que residem e como eles enfrentam o preconceito que essa situação proporciona.

Os elementos da representação de ser jovem para os grupos entrevistados são: liberdade com responsabilidade, distração, integração, amadurecimento e compromisso. Na juventude é possível se prepararem para o futuro, pois as oportunidades são maiores e é responsabilidade dos jovens saber aproveitá-las, ou seja, estudar, conseguir um bom emprego e assim poder auxiliar financeiramente sua família ou a família que venham a construir.

A representação social que os participantes têm sobre juventude está ligada diretamente ao trabalho. A liberdade, distração e integração são citadas por eles como características da juventude, mas em todo o seu discurso, seja ao definir juventude ou para falar de comunidade, o trabalho aparece como temática central. Araújo Guimarães (2005) afirma que em relação às preocupações e interesse dos jovens, o trabalho destaca-se como o principal interesse. Para a autora o trabalho é visto “como fator de risco, desestabilizador das formas de inserção social e padrão de vida, que o trabalho se manifesta como demanda urgente” (p. 159). Mais do que outras temáticas vistas tradicionalmente como de interesse da juventude, como liberdade e sexualidade, a autora encontrou em sua pesquisa o trabalho como preocupação central dos jovens, independentemente da classe econômica e da escolarização. Mais especificamente, afirma Araújo Guimarães (2005) “é por causa de sua ausência, por sua falta, pelo não-trabalho, pelo desemprego, que o mesmo se destaca.” (p. 159). No caso de nossa pesquisa, não apenas pelo desejo de obter renda que esses jovens buscam e preocupam-se com a inserção no mercado de trabalho. Em comunidades onde o tráfico e a criminalidade são um dos identificadores da região, a inserção no mercado de trabalho faz com que esses jovens sejam vistos de outra forma na sociedade. Percebemos que ingressar e permanecer no mercado de trabalho faz com que a representação social deste jovem sobre juventude esteja ancorada na representação de trabalhador, conseqüentemente honesto.

O que marca a diferença entre a juventude negra e a juventude branca é o preconceito. A juventude em geral sofre discriminação em relação a suas idéias e propostas, ou é vista de forma estereotipada, recebendo por isso menor responsabilidade (Bertolo,2008; Menandro, 2004). O jovem negro se diferencia do jovem branco em sua juventude, pois enfrenta uma maior dificuldade, enfrenta o preconceito e os estereótipos raciais. Para Moscovici (2009)

importa compreender que “nossos preconceitos e nossos estereótipos não tem muito a ver com as percepções e os conhecimentos de si ou dos outros, que não se trata absolutamente de informações do conhecimento que nós temos, mas de fatores de crença, até mesmo de memória coletiva. Isto é, trata-se de representações sociais (...)” (p.21). O preconceito e estereótipos enfrentados pelos jovens negros são alimentados por uma representação social a respeito da população negra. Pérez, Moscovici & Chulvi (2002) encontraram uma visão animalésca sobre minorias na Europa (negros e ciganos) atribuindo aos mesmos características que os localizariam em uma escala entre o humano e o animal. Os autores afirmam que “este conjunto de resultados muestra que la comparación ser humano-animal da lugar a un sistema de clasificación social pertinente para comprender la inclusión y la exclusión social”(p.65).

O preconceito enfrentado pelo jovem negro está ligado a uma representação social sobre a população negra que remonta aos períodos da escravidão, mas que recebeu diferentes elementos no período pós-escravidão. Elementos esses que perduram até hoje. Entendemos ser importante trazer nesse momento um pouco da construção da imagem da população negra na nossa sociedade.

No período após escravidão, um grande contingente populacional negro estava no país sem nenhuma medida de inclusão dos mesmos como força de trabalho remunerada. No início do século XX diversos estudos apontavam a desqualificação da população negra. Esses estudos serviram de base, ainda que de formas diferentes, para a construção de uma política nacional para lidar com a população preta e mestiça. Após a abolição da escravidão, duas políticas nacionais tomaram destaque no trato das relações raciais no país: a política de embranquecimento e o mito da democracia racial. No imaginário das elites do sec. XIX e início do século XX, as dificuldades no desenvolvimento da nação foram consequência da presença de um grande contingente populacional preto. Para resolver a imoralidade e pobreza (Azevedo, 1987), e a produção de seres inférteis (mestiços) que comprometeriam o desenvolvimento do Brasil (Carone, 2003) foi implementada a política de branqueamento. Essa política buscava, por meio da importação de população branca para o trabalho livre, com o passar dos anos livrar o país do contingente negro. Assim, como afirma Carone (2003) estaria certa a vitória dos brancos sobre os negros e mestiços através da “propostas públicas de favorecimento maciço de imigrantes europeus, considerados superiores aos africanos e asiáticos”(p.17). Com uma nova direção na política nacionalista, as relações raciais no Brasil, em especial a mestiçagem, deixam de ser vistas como empecilho ao desenvolvimento e passam a figurar como modelo.

Em outra linha política, buscando uma valorização da mestiçagem da qual era formada a população brasileira, Gilberto Freyre descreve, em sua obra *Casa Grande e Senzala*, a constituição da cultura brasileira como a contribuição harmoniosa dos diferentes grupos existentes na sociedade (pretos, indígenas e brancos) de suas melhores características. Dessa forma ficou configurando o mito da democracia racial. O mestiço passa a representar uma união de características positivas dos negros às características dos brancos, possibilitando assim uma ascensão social do mesmo em uma sociedade brasileira tida como igualitária.

Mas essa ascensão, segundo Bernardino (2002) ocorre às custas da desqualificação do preto, pois o mulato era visto como próximo ao branco, obrigando a pessoa a “negar a ancestralidade africana, posto que está socialmente carregada de significado negativo” (p.252). As duas políticas raciais desenvolvidas no país foram disseminadas na população, ganhando leitura popular e contribuindo para a construção das representações sociais das relações raciais. Segundo Bernardino (2002), ambas as políticas contribuíram para uma valorização da mestiçagem, para a desqualificação da estética preta e, em contrapartida, para a valorização da branca pela tentativa de “melhorar” a raça da família ao valorizar o casamento misto. Ocorre também uma confusão ao relacionar a harmonia no plano biológico entre fenótipo branco e preto com uma relação harmoniosa nas relações sociais entre grupos raciais diferentes.

O Brasil desejava tornar-se um país de população branca, importando mão-de-obra branca e com isso promovendo a “clareamento” da população. O desejo de tornar-se um país branco reinou na política nacional até os anos 20, quando o movimento modernista buscou afirmar e valorizar o nacionalismo. Em um primeiro momento nosso país assumiu ser um país miscigenado. Guimarães (2004) analisa o racismo a partir da abolição da escravatura e as modificações na política nacional de construção e valorização da brasilidade a partir dos anos 20. Nessa nova concepção, nossa sociedade não negava a miscigenação, mas valorizava a mesma, negando as diferenças e afirmando a todos como brasileiros. Embora a política oficial tivesse esse discurso, as representações sociais sobre a população negra não sofreram grandes alterações.

Gouvea (2004) analisou obras literárias de grande circulação destinadas ao público infantil brasileiro nas décadas de 20 e 30 sobre a imagem que estava sendo produzida da população negra. Para a autora: “a escrita literária guarda com a realidade a qual se refere uma relação, não de transparência, mas de reconstrução. O autor, no momento da produção o texto, traduz na escrita a sua compreensão do real, como também o projeto de realidade que se quer conformar por meio da narrativa” (p.81). Essas narrativas os possibilitam então identificar

elementos que compõem a representação da população negra naquela época.

Nas narrativas analisadas por Gouvea (2004) as características atribuídas aos personagens negros e o contraponto feito com o personagem branco permite-nos observar na literatura as contradições do estado moderno que buscava afirmar um país multirracial ao mesmo tempo em que tentava apagar o passado escravocrata não permitindo visibilidade ao povo negro. A representação encontrada pela autora a respeito da população negra indica que essa é formada por pessoas subservientes, cuja tradição oral é valorizada como folclore e fonte de informação sobre as crenças populares, mas que são vistos como ignorantes e não criativos por não serem letrados. É atribuído aos negros o desejo de embranquecerem-se, sendo assim “lavados, ou seja, despojados e limpos de seu fardo racial” (Gouvea, 2004, p.86). Os personagens que apareciam eram apenas crianças e velhos, os jovens eram excluídos pois eram percebidos como “potencialmente perigoso, fonte de agitação, insubordinação ou vagabundagem” (p.86).

Salles Jr (2006) aponta as características tidas como positivas para a população preta e parda nas relações sociais no período da pós Revolução de 30 e no Estado Novo. Da população negra era esperada uma integração social não questionadora, baseada em cordialidade. Nessa perspectiva a tolerância à população negra, em especial à mestiça, aconteceria devido a uma subserviência do negro em relação ao branco, em um abandono de uma identidade marcada pela negritude para abraçar uma identidade única, brasileira. Nesta relação desigual, esperava-se que o negro não questionasse, construindo algo que Salles Jr (2006) pontua como “integração subordinada”.

Para Gouvea (2004) os textos analisados também fazem a associação do negro adulto a imagem da criança, como se ambos tivessem o mesmo desenvolvimento intelectual, “tal visão traduz uma produção científica do final do século XIX e início do século XX, que associava o raciocínio dos povos ditos primitivos ao pensamento infantil, ambos marcados por uma incapacidade de acesso ao raciocínio lógico formal, característico do adulto civilizado”(p.87). A autora afirma ainda que descreverem o personagem negro, “fica clara uma animalização do negro, na medida em que a descrição do seu corpo colocava-o entre o corpo animal e o corpo do homem branco” (p.88). Uma representação social da população negra como subversivo, sujo, animalesco e conseqüentemente perigoso, permaneceu mesmo com as mudanças que uma política nacional moderna proporcionou.

Os jovens entrevistados acreditam ser essa a representação que a sociedade tem deles. Uma representação da população negra como perigosa, baderneira, suja. Ancoradas em um passado escravista e em teorias sociais de desqualificação da população negra, propondo uma

evolução pelo embranquecimento com a miscigenação. Objetivadas em políticas nacionais de valorização da população brasileira, onde cada povo contribuiu na construção de um único povo e deve abrir mão de outras identidades que não a brasileira. Essa objetivação possibilita ver o lado “positivo” desta representação: o povo negro contribuiu com a dança, com a música - e na atualidade com jogadores de futebol – para a cultura nacional. As representações do passado continuam vivas e alimentam o preconceito e o estigma na atualidade.

O jovem negro traz então a luta por uma diferente representação social sobre a população negra. Ao afirmarem que o que diferencia a juventude do jovem negro da juventude do jovem branco é o preconceito, podemos perceber que eles não aceitam essa representação social que acreditam ter a sociedade sobre o jovem negro e a população negra em geral. Estamos falando de duas representações aqui: existe uma representação social do jovem negro que o vê como bandido em potencial, possível criminoso, desamparado, sem escolaridade, sujo. No diálogo social com a representação que acreditam existir sobre eles, trazem novos elementos de si, elementos questionadores, que denunciam a discriminação e preconceito racial. Buscam assim uma nova representação, um novo conceito tanto objetivado na valorização da cultura negra como também ancorado à imagem social de trabalhador, responsável, estudante universitário. Essa visão está presente tanto entre os rapazes quanto entre as moças entrevistadas, mas quando observamos essa representação relacionada à representação de gênero (masculino e feminino) temos elementos novos na configuração.

Os homens trazem elementos de uma masculinidade hegemônica, sendo o homem trabalhador e provedor da família. Trindade, Menandro e Silva (2009) em pesquisa com 300 jovens de diferentes inserções sociais, encontraram o trabalho como elemento central na representação de ser homem. Ser homem é ser trabalhador. Percebemos que o trabalho, para o grupo masculino entrevistado, liga a representação social de juventude negra e a representação social de gênero masculino. Para Trindade, Menandro e Silva (2009) trabalho, juntamente com a honra, são elementos presentes na representação social de ser homem que “transcendem especificidades culturais e vem se mantendo com força expressiva através do tempo, ancorando-se em idealizações normativas e estereotipadas que promovem a figura do “homem ideal” ou “homem de verdade” (p.285). Em nosso estudo, a visão hegemônica de masculinidade vivida pelos participantes dificulta-os perceber e/ou afirmar o preconceito vivido. Admitir o preconceito seria admitir também que é visto pela sociedade como possível marginal, isso afeta não apenas a representação de jovem mas também a representação de gênero, do que ele é como homem. Trindade, Menandro e Silva (2009) afirmam que ao aderir

a masculinidade hegemônica, os homens produzem práticas “que transcendem as relações de gênero e que, além de oprimir as mulheres, transformam os homens em vítimas potenciais das práticas que defendem” (p.279). A representação de jovem negro como responsável é reafirmada, na busca pelo emprego, qualificação, fazer as escolhas corretas para que assim seja possível apresentar-se a sociedade como homem adulto: mantenedor de uma família. Por isso, ao homem admitir o preconceito é mais difícil, eles não falam claramente dele, preferem reafirmar suas representações de jovem negro como trabalhador, estudante responsável.

Já as mulheres, ao analisarmos a representação de juventude também encontramos uma afirmação da importância do estudo para buscar um melhor trabalho e melhor renda para a família. Como já afirmado anteriormente, a categoria trabalho é central nas preocupações da juventude na atualidade e para estas jovens envolve uma preocupação não apenas com elas mesmas, mas com toda a população do bairro. Em seus discursos, ao falarem da necessidade de capacitação para a juventude, as participantes sempre retomavam a importância de se pensar em qualificação para todas as faixas etárias e na promoção de projetos que atendessem às demandas de todos, entre eles os jovens. Gilligan (1997) argumenta que as mulheres enxergam o mundo mais pelas relações do que por indivíduos, sendo este coeso pelas relações sociais mais do que pelas regras. Para essas jovens, combater a discriminação social e conseqüentemente uma representação social estereotipada e desqualificante sobre a população negra, está ligado à maior qualificação e inserção no mercado de trabalho. Outra característica dessas participantes está no fato delas não apresentarem planos para o futuro que não estejam relacionados ao combate da discriminação. Não existe, no discurso feminino analisado pelo programa ALCESTE uma classe exclusiva sobre os planos para o futuro das jovens. As perspectivas para o futuro aparecem diluídas, conseqüentemente ligadas às classes em que elas argumentam sobre a discriminação e o combate à mesma. Fica visível que para elas não aparecem planos para o futuro se a discriminação não for combatida.

As mulheres foram as únicas a falarem diretamente de discriminação racial. A discriminação racial da mulher negra está ligada fortemente ao gênero, fazendo com que elas sofram uma tripla discriminação: por serem pobres, pretas e mulheres. A discriminação de gênero sofrida pelas mulheres negras é analisada por Petruccelli (2001) nos matrimônios realizados na década de 90. Na pesquisa, as mulheres pretas compunham o grupo de pessoas com menores chances de casamento. No extremo oposto, homens brancos são os que conseguem um casamento com maior facilidade. Entre os casamentos exogâmicos, isto é, entre grupos raciais diferentes, as mulheres pretas também são as menos prestigiadas, estando em último lugar nas escolhas por parceiras, constituindo casamentos em sua maioria

endogâmicos. Outros estudos (Novais & Vilhena, 2003; Queiroz & Otta, 2000) envolvendo as características físicas desejáveis em uma mulher e entendida como bela, encontraram uma descrição física semelhante: cor branca, olhos azuis ou castanhos, loira de cabelos lisos e longos. Essas características de beleza fazem parte da representação social de uma mulher bonita e desejável e não são encontradas em nenhuma das participantes entrevistadas.

O trabalho desponta para essas jovens como uma forma de combater o preconceito e o jugo desta relação de gênero, que as desqualifica como mulheres. Além de possibilitar independência econômica da família (seja dos pais ou do marido) a representação social de trabalhadora também beneficia essas jovens, que passam a ser vistas como honestas e descentes. Sem uma boa qualificação e um emprego, não é possível combater a discriminação, conseqüentemente não há perspectiva de futuro, pois as representações sociais da população negra e as representações sociais de gênero presentes em nossa sociedade não contribuem para que essas jovens planejem um futuro.

A estereotipagem da população negra estende-se aos bairros em que residem. Da mesma forma que a população negra e o jovem negro são representado como perigosos e subversivos, o bairro em que vivem também é estereotipado, visto como perigoso, agressivo. Os moradores do local, em sua maioria negros, também são vistos assim, como violentos, possíveis marginais. Defender-se como jovem negro, é não concordar com essa representação e modificar isso, a visão que se tem do jovem e a visão que se tem do bairro. Howarth (2006) discute esse jogo de representações no social ao analisar representações sociais que jovens de minorias étnicas tinham sobre as minorias e os bairros que viviam. No diálogo social com jovens que não se identificavam com a minoria étnica, tornava-se visível à pesquisadora as representações sociais que desqualificavam as minorias e os bairros em que viviam, como também o questionamento que os jovens dessas minorias faziam a essa representação. No diálogo social era possível perceber as diferentes representações e como elas se relacionavam.

Por causa da desqualificação que seus bairros sofrem, os jovens entrevistados precisam também fazer as escolhas corretas (estudar, trabalhar, cuidar da família), escolhas que os afastam de uma visão de criminosos, mas também precisam agir no bairro, modificá-lo para que a representação que se tem desse seja boa como a representação que eles estão construindo de si.

Não encontramos redes sociais exclusivas de jovens, mas as relações construídas nos bairros com as manifestações culturais afro-brasileiras constroem redes de relacionamentos que congregam diferentes gerações. Para Bourdieu (2005) capital social é o conjunto relações reais e potenciais ligadas à participação em uma rede, institucional ou não, que seja auxílio e

reconhecimento mútuo, um grupo dotado de características comuns e laços permanentes. Identificamos duas redes de aglutinação juvenil em nossas entrevistas: a rede da Escola de Samba e a rede da Capoeira. Nesses espaços, os jovens encontram não apenas diversão, mas também apoio de amigos, orientações. Identificam lideranças que desejam ou não ter.

Os espaços de organização da comunidade funcionam então como esta rede de apoio, podendo estar interligadas e dando suporte a buscas comuns ao grupo. Segundo Gojzman (2003) estas redes permitem a geração de um valor extra, produzido nas relações dentro do grupo. Esses valores fortaleceriam esses grupos, possibilitando aos mesmos “enfrentar colectivamente los condicionantes materiales que la escasez parece determinar para los individuos carentes de otro tipo de capital (económico, financiero)” (p.34). De acordo com o autor, esses grupos podem fornecer uma dimensão de análise pouco explorada: espaços apropriados e construídos por jovens e uma história comum para os integrantes da rede. Em nosso trabalho percebemos que os jovens estão presentes nas mais diferentes organizações da comunidade, sendo ativos nas mesmas. Nos espaços de produção de cultura afro-brasileira, novos valores para a população negra são construídos, apropriados por esse grupo e difundidos. Os jovens entrevistados participam intensamente dessa rede de conhecimento que apoio possibilitando a esse jovem questionar essa representação de juventude negra que acreditam existir sobre eles.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos nesse trabalho identificar a representação social de juventude negra para jovens negros moradores em bairro com maioria populacional preta ou parda e que tenha uma produção cultural com base na cultura afro-brasileira. Investigamos a construção dessa representação social a partir da inserção destes jovens nas manifestações culturais afro-brasileiras produzidas nas comunidades em que residem.

Inicialmente identificamos espaços de convivência juvenil nos bairros estudados e a forma de participação dos jovens nestes espaços. Percebemos que existiam poucos espaços públicos de convivência para os jovens. As instituições governamentais disponíveis aos jovens são escola e unidade de saúde. Não existem instituições governamentais com projetos específicos para atender o público jovem na região voltados à cultura, esporte, formação profissional ou lazer. Os espaços de convivência existentes então foram formados pelos próprios moradores.

Nos espaços públicos encontramos áreas para lazer em ambos os bairros, que se resumiam a um campo de futebol na Fonte Grande e uma quadra poliesportiva na Piedade. A existência desses espaços não garantia acesso dos jovens ao mesmo. O acesso aos espaços era limitado tanto tráfico de drogas quanto pelas restrições das lideranças comunitárias. A violência existente no local também limita a permanência do jovem nos espaços públicos, restringindo cada vez mais o convívio ao ambiente familiar.

Podemos afirmar que a representação social dos participantes sobre juventude negra é a liberdade com responsabilidade, trabalho e resistência ao preconceito racial. Essa representação está ancorada em uma definição de trabalhador como pessoa honesta e objetivada na preocupação dos participantes em garantir maior e melhor escolaridade e conseqüentemente mais chances no mercado de trabalho.

A representação que fazem da juventude negra está em oposição à representação social que os participantes acreditam que a sociedade tem deles e da população negra em geral, como bandidos em potencial, baderneiros, perigosos e sujos. Essa segunda representação está ancorada em uma ideologia desqualificante da população negra, existente desde o período colonial e modificada com a república, recebendo novos elementos.

Buscamos investigar a diferença na representação social dos jovens negros para a juventude em geral, identificando que para esses jovens a diferença está na presença do elemento discriminação racial na representação da juventude negra, elemento este não presente na juventude como um todo.

Embora as representações sociais de juventude negra sejam iguais para os grupos pesquisados, elas apresentam diferentes nuances quando articuladas às representações sociais de gênero masculino e feminino. A representação social de homem aproxima-se de uma concepção hegemônica de masculinidade. Esse referencial de masculinidade dificulta aos rapazes perceberem e/ou admitirem o preconceito racial, pois significaria admitir que uma parcela da sociedade, considera-os bandidos em potencial. Admitir isso afetaria a concepção que eles têm sobre sua masculinidade, ligada a uma visão de homem como honesto e trabalhador. Ao mesmo tempo em que dificulta perceber e/ou admitir o preconceito, também dificulta a análise das relações raciais no país, podendo levar a responsabilização e culpabilização individual pelas dificuldades enfrentadas.

As jovens admitem o preconceito racial, identificando sua expressão tanto contra os homens quanto contra as mulheres negras. Identificamos que essas moças enfrentam um preconceito triplo, por serem negras, pobres e mulheres. Devido a isso, o combate à discriminação racial foi enfatizado pelas mesmas, tendo como caminho a promoção de qualificação e acesso ao mercado de trabalho. Mas ao afirmarem a necessidade de qualificação, não restringem isso aos jovens. Para elas é fundamental que todos os moradores estejam inseridos nesse processo, que ele seja pensado para todos. A qualificação profissional também é uma forma de enfrentamento do preconceito de gênero, pois diminuiria a dependência seja dos pais seja do marido, tornando tão vital no discurso dessas participantes que os planos para o futuro das mesmas estão presentes na mesma categoria que fala do combate à discriminação racial.

REFERÊNCIAS¹

- Abreo, H. V (2003). Motivos juveniles de participación social en el barrio "Brisas de Mayo": Una red entre las redes. In I. Arriagada & F. Miranda (comps.) **Capital social de los y las jóvenes. Propuestas para programas y proyectos** (Volumen I) [versão eletrônica]. Santiago de Chile: Editora Naciones Unidas. (pp.43-58)
- Abric, J.C. (1998) A abordagem estrutural das representações sociais. Em: A.S.P. Moreira & D.C. de Oliveira (orgs.) **Estudos interdisciplinares de representação social**. (pp. 27-38) Goiânia: AB.
- [Aguiar, M. C. \(2003\). População Negra no mercado de trabalho. In **Com Ciência: revista eletrônica de jornalismo científico**, 49. Recuperada em 10 de abril de 2009, de <http://www.comciencia.br/reportagens/negros/05.shtml>](http://www.comciencia.br/reportagens/negros/05.shtml)
- Alba, M. (2004). El método Alceste y sus aplicaciones al estudio de las Representaciones Sociales del espacio urbano: el caso de la ciudad del México.[versão eletrônica] **Papers on Social Representations** , 13, 1.1-1.20
- Almeida, S. T., Pereira, C., Torres, A R. R. (2003)Um Estudo do Preconceito na Perspectiva das Representações Sociais: Análise da Influência de um Discurso Justificador da Discriminação no Preconceito Racial. [versão eletrônica] **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 16(1),95-107.
- Amâncio, L. & Cabecinhas, R. (2004). Dominação e exclusão:a 'natureza' das representações sociais a cerca de grupos minoritários. **Vº Congresso Português de Sociologia**. Universidade do Minho, Portugal.
- Amparo, D. M., Galvão, A. C. T., Alves, P. B., Brasil, K. T., Koller, S. H. (2008) . Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de apoio social e fatores pessoais de proteção. *Estudos de psicologia (Natal)*, 13(2), 165 - 174 .
- Araujo Guimarães, N. (2005) Trabalho: uma categoria chave no imaginário juvenil. In H. W. Abramo e P. P. M. Branco, **Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo:Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania (pp.149 – 174)
- Banton, M. (1977) A racialização do Ocidente. In M. Banton, **A idéia de raça**. Lisboa: Edições 70
- Barbujani, G. (2007). **A invenção das raças** (R. Ilari, trad.) São Paulo: Contexto.
- Bardin L. (2004). **Análise de conteúdo**. (L. A Reto & A Pinheiro trads.)Lisboa, Portugal:

Edições 70.

- Barreto, P. C. Da S. & Oliveira, C. L. P. (2003) Percepção do racismo no Rio de Janeiro. [versão eletrônica] **Estudos Afro-Asiáticos**,25(2),183-213.
- Barros, F. S., Grano, M. S., Hennington, E. A, Meneghel, S. N., Silva, L. B.,Siqueira, T. P. et al (2008) Mortalidade por homicídios em Município da Região Sul do Brasil, 1996 a 2005. [versão eletrônica] **Revista Brasileira de Epidemiologia**, 11(3),431-441.
- Batista, L. E. (2005). Masculinidade, raça/cor e saúde. [versão eletrônica] **Ciência & Saúde Coletiva**, 10(1), 71-80.
- Bento, M. A S. (2000) Igualdade e diversidade no trabalho. In M. A S. Bento, **Ação afirmativa e diversidade no trabalho: desafios e possibilidades**. São Paulo: Casa do Psicólogo. (pp.13-32).
- Bernardino, J. (2002) Ação Afirmativa e a Rediscussão do Mito da Democracia Racial no Brasil. [versão eletrônica] **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro,24 (2), 274-273.
- Berquó, E., Lima, L. C. A, Lopes, F., Pereira,N.,Pinho, M. D. & Oliveira, K. A (2002) Juventudes, raça e vulnerabilidades. [versão eletrônica] **Revista Brasileira de Estudos de População**, 19(2), 277-294.
- [Bertollo, M. \(2008\). Juventude e participação política: motivações, trajetórias e representações](#). Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo.
- Bertollo, M., Drago, A B., Freitas, J. B, Menandro, M. C. S., Mendes, F. M. S, Rölke, R. K., Trindade, Z. A ., et al (2007). Pesquisas sobre juventude produzidas dentro do campo de estudos da teoria das representações sociais. **Trabalho apresentado na V Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais**. Texto recuperado de www.gosites.com.br/vjirs/adm_trabalhos_ver2.asp?arq=VJIRS_0447_0448.PDF&perm=com em 10 de abril de 2009
- Bourdieu, P. (2005). **A economia das trocas simbólicas**. (S. Miceli intr., org. e sel.) São Paulo: Perspectiva (6ª ed.)
- Caccimali, M. C. & Hirata, G. I. (2005) Discriminação ou grupos em situação de desvantagens no mercado de trabalho ? Uma análise do mercado de trabalho brasileiro acerca da raça e gênero. **Revista de Economia Mundial**, 12, pp. 53 - 86
- Camargo, B. V. (2005). ALCESTE: Um programa informático de análise quantitativa dos dados textuais. In A. S. P. Moreira, B. V. Camargo, J. C. Jesuíno, S. M. Nóbrega (Org). **Perspectivas Teórico -metodológicas em representações sociais**. João Pessoa: UFPB/Editora Universitária (pp. 511-540)
- Carone, I. (2003) Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira. In I. Carone & M. A S. Bento (orgs) **Psicologia Social do Racismo**. Petrópolis, ed. Vozes. (pp 13- 24).

- Chulvi, B., Moscovici, S., Pérez, J. A (2002) Natura y cultura como principio de clasificación social: Anclaje de representaciones sociales sobre minorías étnicas. [versão eletrônica] **Revista de Psicología Social**, 2002, 17 (1), 51-67.
- Dayrell, J. (2002). O rap e o funk na socialização da juventude.[versão eletrônica] **Educação & pesquisa**, 28(1), 117 – 136.
- Durston, J. (2000). ¿Qué es el capital social comunitario? [versão eletrônica] **Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (CEPAL)** – Série Políticas sociais, 38.
- Ferreira, B. W. (2007). **Análise de conteúdo**. Recuperado em 10 de setembro de 2008, de [Http://www.ulbra.br/psicologia/psi-dicas-art.htm](http://www.ulbra.br/psicologia/psi-dicas-art.htm).
- França, D. X. de & Monteiro, M. B. (2004) As novas expressões do racismo na infância. In: LIMA, Marcus Eugênio Oliveira & PEREIRA, Marcos Emanuel (org) **Estereótipos, preconceitos e discriminação; perspectivas teóricas e metodológicas**. Salvador: EDUFBA., pp.139 – 160.
- Gaskell, G. (2007). Entrevista individuais e grupais. In M. W. Bauer & G. Gaskell, (org). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático** (P. A Guareschi trad.) Petrópolis, RJ: Vozes. (6ed.).
- Gilligan, C. (1997) **Teoria psicológica e desenvolvimento da mulher** . Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gobbi, B. C., Silva, C. R. & Simão, A.A.(2005) O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. [versão eletrônica] **Organizações Rurais Agroindustriais Lavras** , 7(1),70 – 81.
- Gojzman, D. (2003) Espacio público y generación de capital social. In I. Arriagada & F. Miranda (comps.) **Capital social de los y las jóvenes. Propuestas para programas y proyectos** (Volumen I) [versão eletrônica]. Santiago de Chile: Editora Naciones Unidas.(pp.31-42)
- Gomes, N. L. (2002). Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural ? [versão eletrônica] **Revista Brasileira de Educação**, 21(3),40-51.
- Gomes, N. L. (2003) Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, 29 (1), 167- 182.
- Gomes, N. L. (2006). **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica.
- Gonçalves, H. S. (2005) Juventude Brasileira, entre a tradição e a modernidade. **Tempo social, revista de sociologia da USP**, 17 (2), 207-219.
- Gouvea, M. C. S. de. (2005) Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise

- historiográfica. **Educação e Pesquisa**, 31 (1), 77 – 89.
- Guimarães, A. S. A. (2001) A questão racial na política brasileira (os últimos quinze anos). [versão eletrônica] **Tempo social, revista de sociologia da USP**, 13 (2), 121-142.
- Guimarães, A. S. A. (2004) Preconceito de cor e racismo no Brasil. **Revista Antropologia**, 47 (1), 9 – 43.
- Howarth, Caroline (2006) A social representation is not a quiet thing: exploring the critical potential of social representations theory. **British journal of social psychology**, 45 (1), 65-86.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2008). **Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da População Brasileira**. RJ: Autor
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2008). **Desigualdades raciais, racismo e políticas públicas: 120 anos após a abolição**. Brasília: Autor.
- Jodelet, D. (2001) Representações sociais: um domínio em expansão. In D. Jodelet (org.) **As Representações Sociais**. (pp. 17-44). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Joffe, H. (2003) “Eu não”, “o meu grupo não”: Representações sociais transculturais da Aids. Em: P. Guareschi; S. Jovchelovitch (orgs). **Textos em Representações Sociais**, (pp. 297-322). Petrópolis: Vozes (8ª ed).
- Laplantine, F. (2007). A especificidade da prática antropológica. In F. Laplantine, **Aprender Antropologia** (M. Chauvel trad.) São Paulo: Brasiliense. (20ª reimpressão da 1ª ed., pp.147–199)
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). **A construção do Saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas** (H. Monteiro & F. Settineri trad., L. M. Siman rev. tec. e adap.) Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Lima, M. E. & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos em Psicologia (Natal)**, 9, 3.
- Menandro, M. C. S. (2004) **Gente jovem reunida: um estudo de representações sociais da adolescência/juventude a partir de textos jornalísticos (1968/1974 e 1996/2002)**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Recuperado de <http://www.cchn.ufes.br/ppgp/teses.htm>, em 10 de abril de 2009.
- Moreno, R.C. (2005) Práticas educativas de protesto na adolescência: movimento Hip Hop. **Anais do I Simpósio Internacional do Adolescente**, n.2. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000200055&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt.
- Moscovici, S. (1978). **A representação Social da Psicanálise**. (C. Cabral, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar.

- Moscovici, S. (2004). **Representações Sociais: investigação em psicologia social** (4ªed). Petrópolis :Vozes.
- Niño, L. (2003). Adscripciones identitarias y juventud artística en Ciudad Bolívar. In I. Arriagada & F. Miranda (comps.) **Capital social de los y las jóvenes. Propuestas para programas y proyectos** (Volumen I)[versão eletrônica]. Santiago de Chile: Editora Naciones Unidas.(pp. 59-70)
- Novais, J. V. & Vilhena, J. De . (2003) De cinderela a moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. **Interações**, 15 (3), 9 – 36.
- Núñez, P.(2003). Aportes para un nuevo diseño de políticas de juventud: la participación, el capital social y las diferentes estrategias de grupos de jóvenes. In I. Arriagada & F. Miranda (comps.) **Capital social de los y las jóvenes. Propuestas para programas y proyectos** (Volumen I) [versão eletrônica]. Santiago de Chile: Editora Naciones Unidas. (pp. 19-30)
- Oliveira, O. M. (2009) Devoções a São Benedito e religiosidades: descrição etnográfica. In: Oliveira, O. M.(org) **História, memória e cultura nos morros da Piedade e Fonte Grande**. (Relatório de pesquisa) Vitória: Instituto Elimu Professor Cleber Maciel e a Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo. Não publicado.
- Prado, A. M. P. (2002) Da mobilidade social a constituição da Identidade Política: reflexão em torno dos aspectos psicossociais das ações coletivas. *Psicologia em Revista*, 8 (11), 59 – 71.
- Pereira, C., Torres, A. R. R. & Almeida, S. T. (2003) Um estudo de preconceito na perspectiva das Representações Sociais: análise da influência de um discurso justificados da discriminação no preconceito. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 16(1), pp. 95-107
- Pérez, J. A. , Moscovici, S., Chulvi, B.(2002) Natura y cultura como principio de clasificación social. Anclaje de representaciones sociales sobre minorías étnicas. *Revista de Psicología Social*, 17 (1), 51 – 67.
- Petrucci, J. L. (2001). Seletividade por cor e escolhas conjugais no Brasil dos anos 90. [versão eletrônica] **Estudos afro-asiáticos**, 23(1), 5-28.
- Piza, E. (2000) O teto de vidro ou o céu não é o limite. In: M. A. S. Bento (org) **Ação afirmativa e diversidade no trabalho: desafios e possibilidades**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Prefeitura Municipal de Vitória (2009). **Informações Municipais**. Recuperado em 03 de abril de 2009, de <http://www.vitoria.es.gov.br/regionais/home.asp>
- Queiroz, R. da S. & Otta, E. (2000) A beleza em foco : condicionantes culturais e psicobiológicos na definição de estética corporal. In: Queiroz, R. da S. (org) **O corpo do Brasileiro: estudos de estética e cultura**. São Paulo : Editora SENAC São Paulo, 2000.
- Raitz, T. R., Petters, L. C. F. (2008) Novos desafios dos jovens na atualidade: trabalho,

- educação e família. **Psicologia Social**, 20 (3), 408 – 416.
- Ramos, S. (2010) Respostas brasileiras à violência e novas mediações: o caso do Grupo Cultural AfroReggae e a experiência do projeto Juventude e Polícia. **Ciência e saúde coletiva**, 11 (2), 419 – 428.
- Sá, C.P. de. (1995) Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. Em: M.J.P. Spink (org.) **O conhecimento no cotidiano**. (pp. 19-45) São Paulo: Brasiliense.
- Sales Jr, R. (2006) Democracia racial : o não dito racista. [versão eletrônica] **Tempo social, revista de sociologia da USP**, 18 (2), 229-258.
- Sansone, L. (2000) Os objetos da identidade negra: consumo, mercantilização, globalização e a criação de culturas negras no Brasil. **Mana** 6 (1):87-119.
- Santos, M.F.S (2005) A teoria das representações sociais. Em: M.F.S. Santos & L.M. Almeida. (orgs.) **Diálogos com a Teoria das Representações Sociais**. (pp. 13-38) Recife: Editora Universitária da UFPE.
- Seyferth, G. (1995). A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. **Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro, v. 93 (pp. 175-203).
- Silva, S. J. (2009) O samba na memória e sua invisibilidade histórica. In: Oliveira, O. M.(org) **História, memória e cultura nos morros da Piedade e Fonte Grande**. (Relatório de pesquisa) Vitória: Instituto Elimu Professor Cleber Maciel e a Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo. Não publicado.
- Souza, P. L. A de (2006). Mulheres jovens e Hip-Hop : percepções das relações de gênero em uma expressão cultural masculina. **Trabalho apresentado na 30ª reunião anual da ANPOCS**.
- Teles, J.,Freguglia, R., Carvalho, R. (2003) Juventude e Mercado de trabalho no Rio de Janeiro e em Minas, **Revista Economia**, 4 (2), 223 – 250.
- Trindade, Z.A. (1996) Representações sociais: “modo de conhecer” no cenário da saúde. In Z.A. Trindade & C. Camino. **Cognição social e juízo moral. Coletâneas da ANPEPP**, 1 (6): 45-60.
- Turra, C., & Venturi, G. (1995). **Racismo cordial: a mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil**. São Paulo: Ática.
- Vala, J. (1993). Representações sociais – para uma psicologia do pensamento social. In J. Vala & M. B. Monteiro (org) **Psicologia Social**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbernkian (pp. 353-384).
- Vargas, C. Z. (2004) Juventude e contemporaneidade. **Ultima Década**, 20, 47 – 69.
- Weber, M. (1999). Relações comunitárias étnicas. In M. Weber, **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. (Volume I, R. Barbosa & K. E. Barbosa, trads, G. Cohn, rev. técnica) São Paulo: UnB (4ª ed., pp.267-277).

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido

Dados de identificação da Pesquisa

Título do Projeto: **Representação Social de juventude para jovens negros em bairros populares de Vitória – ES**

Pesquisador Responsável: Beatriz Baptista Tesche

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Programa de Pós Graduação em Psicologia – UFES

Telefones para contato: (27)3335-2501 (Secretaria Pós Graduação) (27) 99631099

Nome do Participante: _____

Idade: _____ anos R.G. _____

Eu, _____, declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado na pesquisa de campo referente ao projeto acima identificado.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é compreender a representação social de juventude para jovens negros.

Fui também esclarecido de que a pesquisa a ser desenvolvida segue os padrões éticos da Resolução 196/96 CNS, que dispõe sobre a realização de pesquisa com seres humanos e não apresenta riscos para os participantes. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semi-estruturada a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e seus orientadores. Fui informado de que os resultados da pesquisa serão divulgados em congressos e periódicos especializados, contribuindo para a ampliação do conhecimento a respeito do tema jovens e valores morais.

A pesquisadora me ofertou uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Fui ainda informado de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo ou risco de sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Vitória, _____ de _____ de 2009.

Assinatura do(a) participante

Assinatura da pesquisadora: Beatriz Baptista Tesche

APÊNDICE B - Instrumento: Roteiro entrevista individual semi-estruturada

1. Dados sociográficos

Sexo, idade, procedência (se mora no bairro desde o nascimento), escolaridade, cor / etnia,

moradia (sozinho, com família, ...), rendimento (trabalha ou não)

2. O jovem

2.1 Adolescência

- Como foi vivido
- Aspectos significativos
- Lembranças mais vivas
- Momentos difíceis

2.2 Juventude

- Como está se passando
- Como tem sido vivenciada
- Dificuldades
- Aspectos significativos
- Perspectivas da juventude
- Significado de juventude
- Significado de Juventude Negra
- Relação juventude e cultura
- Juventude e cultura no bairro

3. Bairro da Fonte Grande e Piedade

- Caracterização
- Pontos positivos e negativos do local
- Conhecimento que os jovens têm sobre a história dos bairros
- Marcas dos locais – beleza, pobreza, violência (o que seria isso para você?)

3.1 .Produção cultural comunitária

- Manifestações culturais do bairro
- Participação dos jovens
- Relação cultura e outros espaços da vida - família, escola, trabalho...
- Motivações para “participar”
- Motivação para não participar